



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Cênicas – CEN

**CRIATIVIDADE, TEATRO DE FORMAS ANIMADAS E O
CIBERESPAÇO
EM TEMPOS DE PANDEMIA.**

BEATRIZ MOTA PEGO

Brasília, 2021.

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Cênicas – CEN

**CRIATIVIDADE, TEATRO DE FORMAS ANIMADAS E O
CIBERESPEÇO
EM TEMPOS DE PANDEMIA.**

BEATRIZ MOTA PEGO

Monografia de trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Artes Cênicas/Ida/UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa Dra. Fabiana Lazzari de Oliveira.

Brasília, 2021

Comissão Examinadora:

Professora Dr. Fabiana Lazzari de Oliveira (Orientadora)

Universidade de Brasília – Instituto de Artes – Departamento de Artes Cênicas

Professora Dr. Ângela Barcellos Café

Universidade de Brasília – Instituto de Artes – Departamento de Artes Cênicas

Professora Me. Maysa Carvalho Gonçalves

Universidade de Brasília – Instituto de Artes – Departamento de Artes Cênicas

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria José Mota.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça da vida, por todas as oportunidades de aprendizado e abertura de caminhos, a todos os meus guias, terrenos e etéreos que me fortaleceram. Á minha família, avó Rita, mãe Maria José, e irmã Bárbara e ao Ruben meu companheiro. Á todas as mestras e mestres com quem tanto aprendi, por toda generosidade, paixão, coragem diante da vida e do trabalho, inspirações que levarei comigo para sempre.

*Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir
(Lulu Santos)*

RESUMO

O presente estudo investiga alguns dos motivos pelos quais o Teatro de Formas Animadas pode contribuir no desenvolvimento do potencial criativo dos indivíduos que trabalham com a linguagem, e traz reflexões sobre a criatividade e o ciberespaço, durante este período de distanciamento ocasionado pela pandemia da covid 19 que nos afeta desde 2020. A pesquisa é qualitativa bibliográfica com estudos de caso. Para potencializar essas discussões foram observados eventos, e aulas online na área de Teatro de Formas Animadas durante o período de maio de 2020 até março de 2021, assim como foram realizadas entrevistas com os artistas e educadores também da área de Teatro de Animação: Jaime Pinheiro e Maysa Carvalho.

Palavras-Chave: Criatividade, Teatro de Formas Animadas, Ciberespaço, Covid- 19.

ABSTRACT

The present study investigates some of the reasons why the Theater of Animated Forms can contribute to the development of the creative potential of individuals who work with language and brings reflections on creativity and cyberspace during the period of social distancing caused by the Covid-19 pandemic, which has affected us since 2020. This research is a bibliographic research with case studies. To enhance the discussions, different events and online classes in the area of the Theater of Animated Forms were observed during the period from May 2020 to March 2021, as well as interviews with the artists and teachers Jaime Pinheiro and Maysa Carvalho from the area of the Animation Theater were held.

Key words: Creativity, Theater of Animated Forms, Cyberspace, Pandemic of covid 19.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CRIATIVIDADE, TEATRO DE ANIMAÇÃO E CIBERESPAÇO.	14
1.1 Criatividade, inerente e essencial à humanidade	14
1.2 Teatro de Formas Animadas e o estímulo à criatividade	18
1.3 Criatividade e Ciberespaço	22
2. ARTISTAS DO TEATRO DE FORMAS ANIMADAS, CRIATIVIDADE E OS DESAFIOS TRAZIDOS PELA PANDEMIA DE COVID-19.....	29
2.1 Eventos, oficinas, e aulas online de Teatro de Formas Animadas e a criatividade durante a pandemia.	30
2.2 Reflexões sobre as entrevistas que foram realizadas e os temas abordados nos capítulos anteriores.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exercício do ‘serzinho’ realizado no curso “Ânima, uma introdução ao teatro de bonecos”	35
Figura 2 – Exercício com cabo de vassoura no curso “Ânima, uma introdução ao teatro de bonecos”	35
Figura 3 – Personagem “Nhô Lau” escrevendocarta.....	37
Figura 4 – Personagem “Nhô Lau” e Jaime discutem sobre quem ficará com o doce maior.	37
Figura 5 – Personagem “Nhô Lau” de máscara e segurando seringa.	38
Figura 6 – Personagem “Nhô Lau” comendo mangas.	38

INTRODUÇÃO

Já faz mais de um ano que estamos enfrentando a pandemia de covid-19. Há mais de um ano sem sentir o calor da manhã na pele ou às vezes o vento frio enquanto andava até a estação de metrô pela manhã para chegar até à rodoviária, muitas vezes encontrando conhecidos no transporte, a famosa linha 110 que leva da rodoviária para UnB. Mais de um ano sem deitar-se embaixo das lindas e gigantes árvores do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB) e escutar os passarinhos junto às vozes amigas.

Durante o percurso que fazia para chegar até a Universidade era muito comum ver artistas se apresentando, malabaristas, poetas, músicos, dançarinos, foram inúmeras às vezes em que me emocionei e me alegrei em encontrar essas pessoas que de alguma forma, em alguns minutos eram capazes de deixar tudo mais leve. A rotina muitas vezes pesada e cansativa parecia se aliviar ao encontrar essas diferentes expressões artísticas em meu caminho, e penso que assim como aquilo transformava os meus dias e me afetava, também acontecia com muitos que estavam ali e presenciaram essas apresentações, algumas vezes tive o prazer de conhecer e conversar com alguns desses artistas.

Depois, ao chegar à Universidade me deparava algumas vezes com a roda de samba, na frente do prédio de Música. Andando um pouco mais escutava o som da roda de capoeira do lado do Restaurante Universitário (RU), depois uma passada pelo som do Seu Zé do Pife, e mais adiante o Teatro de Arena onde acontecia a batalha de RAP, fora muitas outras expressões artísticas acontecendo por todos os cantos, aulas de circo, de forró, tango e muito mais.

Tantos sons, músicas, barulhos de conversas, risadas, tudo foi tomado pelo silêncio com a chegada da pandemia de covid-19, que começou a nos afetar notadamente em março de 2020. Deixo aqui meus sentimentos a todos aqueles que sofreram luto, cada vida importa.

Junto ao desafio de enfrentar o vírus, vieram mais diversas adversidades. Tivemos que enfrentar desinformação, irresponsabilidades governamentais, e descaso com a população mais vulnerável. O isolamento social foi fortemente recomendado em âmbito mundial na tentativa de conter os casos e diminuir a procura por leitos nos hospitais. Escolas e Universidades fecharam as portas, muitas optaram pelo ensino remoto e virtual. Também foram fechados teatros, cinemas, restaurantes, clubes de festas, igrejas e todos os eventos ou locais considerados como ‘não essenciais’. Aos poucos algumas dessas atividades estão voltando a funcionar com

restrições sanitárias, como os restaurantes, bares, igrejas, shoppings e cinemas, porém os teatros, universidades e as escolas em sua maioria seguem fechados desde março de 2020. A sociedade em geral foi afetada com mudanças no cotidiano, nas relações, problemas financeiros se agravaram, muitos ficaram impedidos de trabalhar.

Nesse cenário bastante difícil, pessoas de diversas profissões tiveram que encontrar alternativas de trabalho e sobrevivência e um dos objetivos desta pesquisa é justamente documentar especificamente a maneira como alguns professores e artistas do Teatro de Formas Animadas estão passando por esse período de pandemia, que infelizmente ainda não se findou.

Na Universidade de Brasília, no ano de 2017, tive a oportunidade de conhecer mais conscientemente o Teatro de Formas Animadas no Laboratório de Teatro - Teatro de Formas Animadas, disciplina na época ministrada pela professora doutora artista Izabela Brochado, encantei-me e me surpreendi com a imensa potencialidade e tantas possibilidades existentes nesse gênero teatral. Essa descoberta é uma constante, pois a cada dia, a cada nova experiência, a cada contato, trabalhos compartilhados, me surpreendo ainda mais.

Ao vivenciar algumas experiências dentro do Teatro de Formas Animadas, observar meus processos criativos e de colegas, ouvir sobre diferentes artistas falarem sobre o processo de criação, inicia-se então uma investigação maior sobre esse aspecto tão fundamental do indivíduo e da humanidade que é a criatividade. Então, esta pesquisa também abordará acerca desse elemento, a importância de se realizar criativamente, e de trabalhar o potencial criativo, além de refletir sobre como o Teatro de Formas Animadas pode colaborar para o exercício da criatividade, e como nossa relação com o ciberespaço pode influenciar o aspecto criativo, relação essa intensificada durante o distanciamento social.

Outro propósito deste estudo é revelar, refletir e registrar alguns dos maiores desafios de determinados artistas/educadores da área durante esse período de isolamento social. Foram observados eventos que aconteceram online, como por exemplo, o ANIMANECO - Festival de Teatro de Animação de Joinville, o Seminário de Teatro de Animação de Joinville, SC e o II Poéticas do Inanimado produzido pelo “Cena Animada”¹ onde foi possível encontrar relatos de artistas de todo o Brasil e também de artistas de alguns outros países. Iremos refletir sobre as experiências que eles trouxeram em seus relatos, e sobre o grande movimento e a dinâmica do Teatro de Formas Animadas nas redes virtuais em diferentes camadas. Falaremos sobre esses

¹ Link para acesso do conteúdo do Seminário Animanejo Joinville
https://www.youtube.com/channel/UCokA-rmduyPugFqi95-An_g
Link para acesso do conteúdo do Cena Animada
<https://www.youtube.com/channel/UC8cOiFfppen21qj6IDgZPXg/videos>

eventos, sobre aulas e cursos que foram oferecidos no período. Além disso, iremos ver um pouco da experiência de Estágio Supervisionado II, ministrado pela professora Fabiana Lazzari, no semestre 2020/01, já que aconteceu de forma remota e me fez questionar pontos importantes de serem analisados aqui.

Inicialmente, no primeiro capítulo, discutiremos a respeito da relevância que tem a criatividade em nossas vidas, em nossa sociedade, veremos como o Teatro de Formas Animadas pode contribuir para o exercício da criatividade, e refletiremos sobre nossas relações com/no ciberespaço, uma breve conceituação do que é esse espaço e como ele pode influenciar nossas vidas, inclusive no que diz respeito à criatividade.

Já o segundo capítulo trará algumas observações sobre eventos, aulas, oficinas online que aconteceram durante maio de 2020 e março de 2021 e reflexões feitas a partir das questões abordadas nas entrevistas que foram realizadas com a artista/educadora Maysa Carvalho, e o também educador/artista/cenógrafo Jaime Pinheiro ambos da área do Teatro de Formas Animadas.

As fontes principais de pesquisa e análise para as conceituações sobre criatividade foram os livros “Criatividade e Processos de Criação” de Fayga Ostrower, e “Criatividade Múltiplas Perspectivas” de Denise Fleith e Eunice Alencar. Para tratar do tema ciberespaço tive como referências Jorge Dubatti ² e Pierre Levy³. Já para pesquisar o Teatro de Formas Animadas, utilizei artigos das revistas Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas e Mamulengo da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB, assim como os encontros na área de Teatro de Formas Animadas, onde pude escutar experiências de muitos artistas da área, sobre seus processos criativos, sobre como a pandemia afetou a vida de cada um, as perspectivas e aprendizados nessa área.

² Teórico e historiador teatral argentino, é doutor na área de história e teoria teatral.

³ Filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação, estuda o impacto da internet na sociedade.

1. CRIATIVIDADE, TEATRO DE ANIMAÇÃO E CIBERESPAÇO.

Iniciamos refletindo um pouco sobre o sentido desse elemento que é a criatividade, a influência que os diferentes ambientes podem ter em relação ao potencial criativo dos indivíduos, e como isso não só afeta seriamente a vida do indivíduo como consequentemente a sociedade como um todo, por isso o primeiro tópico deste capítulo traz algumas questões para expressar, e analisar a dimensão que tem esse elemento na vida e história humana, questões como, o que seria ‘potencial criativo’? Será que é possível exercitar a criatividade? Qual a relevância da criatividade para o indivíduo e a sociedade como um todo? Qual o perigo em não se realizar criativamente? Qual a influência da cultura e do ambiente para a criatividade?

E então no tópico seguinte abordaremos primeiramente sobre Teatro de Formas Animadas, características, e algumas de suas infinitas possibilidades para então analisarmos como e porque esse gênero teatral de vários modos pode contribuir para o exercício da criatividade e estimular o potencial criativo.

Já no terceiro e último subcapítulo encontraremos considerações em relação a criatividade e o ciberespaço, iremos tratar de alguns pontos relevantes, brevemente veremos alguns conceitos sobre o que é esse espaço depois aprofundaremos sobre o vínculo que temos com e dentro dele.

1.1 Criatividade, inerente e essencial à humanidade

Criatividade tem sido uma palavra que aparece até com frequência no nosso dia a dia, não é incomum escutar comentários como “fulano é criativo”, ou empresas que procuram por profissionais ‘criativos’. A criatividade está presente em nossas vidas, no nosso cotidiano e é um elemento relevante que faz parte de toda a história humana, porém, muitas vezes criamos um imaginário ideal, e um pouco superficial do que é ‘criatividade’ ou do que é ‘ser criativo’.

No livro “Criatividade e Processos de Criação”, Fayga Ostrower⁴ faz uma crítica à vulgarização desse elemento humano, como podemos ver na seguinte citação:

⁴ Fayga Ostrower : Nascida em 1920 na cidade de Lodz, Polônia. Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora, chegou ao Rio de Janeiro em 1934, publicou diversos livros sobre arte e criação artística são eles: Criatividade e Processos de Criação (Editora Vozes, RJ); Universos da Arte (Editora da Unicamp, SP); Acasos e Criação Artística (Editora da Unicamp, SP); A Sensibilidade do Intelecto (Prêmio Literário Jabuti, em 1999); Goya, Artista Revolucionário e Humanista (Editora Imaginário, SP) e A Grandeza Humana: Cinco Séculos, Cinco Gênios da Arte. Publicou numerosos artigos e ensaios na imprensa e na mídia eletrônica. A biografia Fayga Ostrower foi lançada em 2002 pela Editora Sextante - RJ. Fayga faleceu em 2001 na cidade do Rio de Janeiro.

Ao passo que no renascimento se avaliavam as qualidades extraordinárias de um trabalho realizado, sempre no domínio de uma técnica plenamente adequada ao que se almejava obter e á altura dos ideais da sociedade, hoje essas noções servem de programação de currículo: “seja criativo”, “seja genial”, “seja original”. Propõe-se a genialidade como uma maneira de ser, como se o ser criativo fosse manipulável e redutível a comportamentos volitivos, e não fosse o próprio viver. (OSTROWER, 1997, p. 133).

Nota-se que apesar de o tema estar bastante falado e presente nas nossas vidas, esse elemento tão essencial do ser humano ainda é negligenciado durante a educação, e em vários aspectos da sociedade. Muitas pessoas ainda são privadas de se realizar criativamente durante suas vidas por diferentes motivos, muitos até chegam a pensar que é algo como um dom concedido a poucos.

Interessantemente há alguns séculos existia a crença comum de que ler e escrever era apenas para alguns abençoados, quando na verdade não tinha a ver com dom ou habilidades especiais individuais, mas principalmente com privilégios, como vemos no livro “Criatividade Múltiplas Perspectivas”, de Eunice Alencar ⁵e Denise Fleith:⁶

Lembra Asimov que há alguns séculos, a escrita e a leitura eram privilégio de poucos, imperando a crença de que ler e escrever exigiam um conjunto de habilidades e tão complexas e de um nível tão elevado que apenas alguns cérebros afortunados poderiam adquirir tais competências. De forma similar, salienta esse autor que, em anos recentes, poucos fazem pleno uso de seu potencial criativo, preponderando a crença de que a criatividade é uma prerrogativa de alguns poucos privilegiados que nasceram criativos. (ALENCAR e FLEITH, 2003, p. 135).

Ainda é corriqueiro que crescamos enxergando a criatividade muitas vezes como algo externo a nós, inalcançável, alguns ainda têm a tendência de associar a criatividade somente a artistas, ou grandes gênios, inventores históricos, o que é um equívoco, a criatividade pode estar presente em todas as profissões e dimensões da vida, pois é característica intrínseca do ser humano.

Hoje conseguimos encontrar um vasto material sobre o assunto, o tema aparentemente anda cada vez mais discutido em um cenário de modernidade e de tantas mudanças ocorrendo de forma acelerada, mas podemos observar que apenas no último século iniciou-se um aprofundamento notável a respeito da criatividade como confirmamos com o seguinte trecho:

Foi somente a partir da década de 1950 que um interesse maior por criatividade se fez sentir, fruto da ascensão do movimento humanístico em psicologia e de outros como o movimento da potencialidade humana que chamou a atenção para o imenso potencial criador do ser humano. (ALENCAR e, FLEITH e, 2003, p. 8).

⁵ Eunice Soriano de Alencar: especialista de renome internacional em criatividade e superdotação. Autora de mais de duzentas publicações em catorze Países.

⁶ Denise de Sousa Feith: Publicou inúmeros artigos sobre criatividade em periódicos nacionais e internacionais. Em 2001 teve sua biografia incluída no "Who 's Who' s in the Science and Engineering", nos Estados Unidos.

Apesar de o tema estar cada vez mais em voga e já a algumas décadas ser relevante e discutido dentro de muitas áreas, parece que como sociedade ainda estamos longe de uma atenção de fato satisfatória para algo tão elementar para nós.

(...) Em consequência, e abstraindo-nos, pelo momento, de circunstâncias históricas que possam favorecer ou não a plena realização do potencial humano, queremos dizer que a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade. São naturais no sentido do próprio, e também do espontâneo em que todo fazer do homem torna-se um formar. A criatividade é, portanto, inerente à condição humana. (OSTROWER, 1997, p 53).

Esse trecho do livro “Criatividade e Processos de Criação” de Fayga Ostrower chama atenção, pois deixa evidente a forte relação da criatividade com a realização ou não do potencial humano. Outro ponto muito interessante é a frase final, onde Fayga conclui que a criatividade é inerente à condição humana, ou seja, como dito anteriormente a criatividade está presente em toda a história humana, e em todos os indivíduos e sociedades, Apesar disso, como também dito no trecho, até mesmo as circunstâncias históricas podem influenciar nessas dinâmicas, além de outras circunstâncias que se alteram de acordo com diferentes ambientes ou culturas, e podem ou não contribuir para a realização do potencial criativo dos indivíduos.

Seria preciso aos homens encontrar condições de vida e de trabalho que proporcionassem os meios de realização de suas potencialidades, onde o seu fazer representasse uma fonte de conscientização interior a partir da qual eles se renovariam espiritualmente. Mas as injunções a que a maioria tem que se submeter a fim de sobreviver nessa sociedade fragmentada e complexa, impede que sua formação se amplie em qualquer sentido humanista. Quando muito as pessoas se tornam profissionais com horários e com expedientes, mas sem tempo para viver. (OSTROWER, 1997, p 134).

Passamos longos anos de nossas vidas na escola, durante os primeiros anos até existe certa liberdade e incentivo a criação sem tantos julgamentos, mas logo depois de passar a fase da primeira infância, somos inseridos em uma rotina maçante de aulas, o erro que faz parte de qualquer processo criativo, começa a ser visto como não natural, e vão surgindo uma série julgamentos e limitações em relação a criações, formas de se expressar. A própria estrutura de mesas e cadeiras geralmente utilizada nas salas de aula, um estudante atrás do outro, fileiras, o professor à frente desesperado para “fechar” mais um conteúdo, pouquíssimo espaço de escuta, de troca. Tudo isso vai colaborar para sermos seres inseguros e irrealizados criativamente, e para termos pouco senso crítico, poucas vezes paramos inclusive para fazer esses tipos de reflexões.

Mais tarde somos inseridos no “mercado de trabalho”, e nos entregamos outra vez a rotinas maçantes, muitas vezes sem tempo, nem espaço para realizações criativas, pessoais e coletivas, dessa vez em troca de capital.

Já faz mais de duas décadas da existência do livro “Criatividade e Processos Criativos” da artista plástica Fayga Ostrower, mas podemos notar nesses trechos o tanto que a obra se mantém atual. As pessoas estão cada vez com menos tempo disponível para viver, a competitividade é incentivada desde cedo, estamos à maioria na corrida pela sobrevivência.

Além disso, agora com a possibilidade de trabalhar em casa utilizando as novas tecnologias, muitas pessoas começaram a trabalhar ainda mais, pois sempre existe a possibilidade de responder um e-mail da empresa, acessar um documento e por aí vai, a linha entre trabalho e descanso vai se confundindo e acontece de forma tão sutil que a maioria nem se dá conta. Não queremos aqui demonizar o trabalho, sabemos que o trabalho é essencial inclusive em qualquer processo criativo, é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

No fragmento abaixo, Fayga deixa evidente a necessidade de exteriorizar as ideias através do trabalho, pois do contrário elas continuaram no plano ideal ao invés do plano real, ou seja, não faria sentido depreciar o trabalho algo tão nobre e primordial para a humanidade e que está diretamente conectado ao aspecto da criatividade,

Todo processo de criação compõe-se, a rigor, de fatos reais, fatores de elaboração do trabalho, que permitem optar e decidir, pois, repetimos, em nível de intenções, nenhuma obra pode ser avaliada. Como obra ainda não existe. Vale dizer, então, que a criação exige do indivíduo criador que atue. Atue primeiro e produza. Depois, o trabalho poderá ser avaliado com critérios e interpretações. (OSTROWER, 1997, p 71.)

O tipo de trabalho à qual se critica aqui é aquele que aliena e que transforma as pessoas em apenas mais um produto do mercado, grande parte dos indivíduos muitas vezes trabalham apenas porque precisam, mas acabam por não se sentirem realizados, alguns até conseguem acumular muito capital, porém continuam frustrados por não se realizarem genuinamente, é aí que mora um grande perigo.

[...] E ninguém se admira das consequências trágicas, da não realização do homem dentro do que lhe seria possível: o vazio da vida, a apatia, a falta de respeito pelos outros (Já que tampouco foi respeitado seu próprio potencial) e quando não pior, um revide violento e brutal contra si mesmo ou contra os outros.” (OSTROWER, 1997, p. 30).

1.2 Teatro de Formas Animadas e o estímulo à criatividade

O Teatro de Formas Animadas é uma arte milenar, e está presente em diversas culturas pelo mundo. O primeiro contato que tive conscientemente com esse gênero teatral foi na Universidade de Brasília, na disciplina Laboratório de Teatro – Teatro de Formas Animadas com a professora Izabela Brochado⁷. Grande foi o encantamento que tive ao perceber as infinitas possibilidades de criações, e também de observar a beleza dos processos criativos, os aprendizados que tive com os meus processos, e ao ter contato com os processos de outros artistas.

Dentro do Teatro de Formas Animadas temos diferentes linguagens, são elas teatro de máscaras, teatros de sombras, teatro de bonecos e teatro de objetos, também têm o lambe-lambe, criado no Brasil pelas artistas brasileiras Denise dos Santos e Ismine Lima, em setembro de 1989, na Bahia. É um teatro em miniatura, no qual o espetáculo acontece dentro de uma pequena caixa cênica apresentado para apenas um espectador por vez. A principal característica é a animação dada a algo inicialmente inanimado, a ânima que é emanada pelo ator animador.

Existem técnicas muito variadas e concepções diferentes a depender da cultura, do lugar, a depender das tradições e do desejo de cada grupo e artista. A pesquisa e descobertas na área estão sempre se atualizando, ampliando ainda mais essa gama de possibilidades. O artigo “Princípios Técnicos do Trabalho do Ator-Animador” do professor Valmor Nini Beltrame traz à importância de se atentar as técnicas, e ao trabalho de ator: “[...] evidenciando que o seu trabalho exige, de um lado, a apreensão de saberes específicos sobre teatro de animação, e de outro, a compreensão de que esta arte está inserida num campo mais amplo, ou seja, o da arte do teatro” (BELTRAME, 2008, p. 25).

Não iremos aprofundar nas técnicas, mas indico o livro “Teatro de Animação” de Ana Maria Amaral (1997) que traz fatos históricos da origem de cada uma dessas linguagens em diferentes culturas pelo mundo, além de trazer um olhar aberto e atento às novas técnicas que têm surgido.

O fato de perceber a potência que tem esse gênero teatral, para trabalhar diversos aspectos da inteligência humana, inclusive o desenvolvimento da criatividade interessou-me, e

⁷ Professora aposentada da Universidade de Brasília e atualmente pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Possui graduação em Artes Cênicas (1982) e mestrado em História (2001), ambos pela Universidade de Brasília; Doutorado em Drama Studies pelo Trinity College - University of Dublin (2006); e Estágio Sênior na Universidade de Évora (2017), realizado com bolsa da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Coordenou o processo de registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste como Patrimônio Imaterial e Cultural do Brasil junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - Ministério da Cultura (2008-2014).

é sobre isso que iremos tratar durante esse tópico. Anteriormente quando falávamos sobre a criatividade vimos que ela é inerente a humanidade, mas também vimos que o ambiente, a cultura e as diferentes épocas, períodos históricos podem contribuir ou não para a realização do ser criativo, ou mesmo para o desenvolvimento da criatividade. Como podemos constatar na citação de Fayga Ostrower, a criatividade pode sim ser exercitada, não é um aspecto estático e sim dinâmico: “É possível, também, que similar ao tônus físico, teríamos uma espécie de tônus psíquico, uma vitalidade elementar psíquica como condição ativa preexistente ao agir e indispensável a ele, e passível de intensificação” (OSTROWER, 1997, p. 27). No livro “Criatividade Múltiplas Perspectivas” de Alencar e Fleith, podemos constatar a influência dos espaços onde os indivíduos habitam e são inseridos no desenvolvimento da criatividade, como podemos observar na citação seguinte.

É sabido que todo ser humano apresenta certo grau de habilidades criativas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas pela prática e pelo treino. Para tanto, seriam necessárias condições ambientais favoráveis e o domínio de técnicas adequadas. Na maioria das pessoas, porém, o desenvolvimento e a expressão dessas habilidades têm sido bloqueados e inibidos por um ambiente que estimula o medo do ridículo e da crítica, no qual a fantasia é vista como perda de tempo e no qual predomina uma atitude negativa com relação ao arriscar e ao criar. (ALENCAR, FLEITH, 2003, p.09).

Como podemos notar, são muitos os aspectos que influenciam no desenvolvimento da criatividade nos indivíduos, desde o domínio de técnicas adequadas, que são apreendidas através do treino e da prática, até o ambiente e as relações que podem ou não favorecê-la.

Infelizmente ainda hoje o ensino educacional não se preocupa muito com esse aspecto. Notamos um sistema que vai à direção contrária, não valoriza e não propõe espaços que estimulem processos criativos, incentiva à competição e o julgamento, deixando assim os indivíduos com poucas alternativas. São poucos espaços de experimentação e criação, além de bloqueios que vão se desenvolvendo por conta do risco, e do medo do ridículo.

Com relação à educação, Rogers (1969) comenta a respeito do fracasso da escola em favorecer a criatividade, por ela dar ênfase exagerada ao conformismo, a passividade e à estereotipia, em detrimento de certas condições, como a intuição, a abertura aos sentimentos e às emoções, aos interesses estéticos e à curiosidade. (ALENCAR e FLEITH, 2003. p. 72).

O Teatro de Formas Animadas nos faz recordar que devemos e podemos brincar, criar, imaginar, independente de qual seja a nossa idade, nos faz enxergar a poesia das coisas pequeninas e das coisas gigantescas, basicamente o poder de ver poesia e vida em tudo. O teatro de bonecos nos possibilita experimentações que, sem dúvida alguma, estimulam a criatividade,

em muitos níveis em diferentes camadas. O professor, crítico e historiador teatral argentino Jorge Dubatti no artigo “*Convívio Y Tecnovívio, el teatro entre infancia y babelismo*” observa.

Aquela região da infância anterior à linguagem, e que é a base da linguagem, que Morales (2009) vê expressa na amplitude universal dos bebês e Molina (1981) na vida pré-natal, e que existe nos homens ao longo de sua existência, apenas na materialidade do corpo vivo, contígua à materialidade territorial do universo. A experiência do teatro permite compreender essa região da infância nele. (DUBATTI, 2015, p 04)⁸ (tradução nossa).

O Teatro de Animação pode ser um bom aliado na expansão da criatividade, e na formação do imaginário. Com toda sua possibilidade de poética e materialidade é uma grande chance de resgate do ‘ser criador’, em um meio que incentiva o ‘ser consumidor’. Dar a oportunidade de a criança produzir e animar o seu próprio brinquedo é algo mágico e pode impactar a personalidade e aprendizado da criança, de uma forma diferente da relação que seria com um brinquedo industrial comprado, e esse é apenas um dos muitos pontos positivos em relação a vivência dessa arte.

O processo de criação, desde a escolha dos materiais, o contato das mãos com as diferentes texturas, temperaturas das matérias, a seleção e troca de ideias e referência com colegas, contato com diferentes formas literárias, dar ânima à algo inicialmente ‘inanimado’. Enfim, todas as fases do processo de criação no teatro de animação, são extremamente enriquecedoras para inúmeros aspectos humanos que necessitamos trabalhar individual e coletivamente. Sobre isso, Eder Sumariva⁹ salienta,

Visto que estamos numa sociedade imagética, confeccionar com suas próprias mãos e visualizar os resultados obtidos com seu próprio trabalho demonstra que os estudantes detêm o poder de conduzir seu processo de conhecimento. Nesse sentido, uma batalha é travada entre o celular e a aprendizagem dos estudantes e, nos casos apresentados, o teatro de animação, com sua forma artesanal de construção, conseguiu fazer com eles emergissem em suas respectivas produções teatrais. (SUMARIVA, 2019, p. 148).

⁸ Esa región de infancia anterior al lenguaje, y que es fundamento del lenguaje, que Morales (2009) ve expresada en el llanto universal de los bebés y Molina (1981) en la vida prenatal, y que existe en el hombre durante toda su existencia, justamente en la materialidad del cuerpo viviente, contigua a la materialidad territorial del universo. La experiencia del teatro permite percibir esa región de infancia en la adultez, en la vida cotidiana, en la fuerza vital que es condición de posibilidad de la cultura viviente, (DUBATTI p 04, 2015).

⁹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro CEART/UEDESC. Mestre em Teatro pela UEDESC e formado em Artes Cênicas pela mesma universidade, na qual foi bolsista dos projetos de pesquisa: A encenação no Brasil entre o período de 1964-1975, o Tropicalismo no teatro sob orientação do professor Edécio Mostaço e o teatro de grupo e a construção dos modelos de trabalho de ator sob orientação do professor André Carreira. Experiência em produção teatral e foco de estudos na História do Teatro Brasileiro e História do Teatro. Foi técnico de cultura da unidade do SESC Concórdia e produtor executivo do Festival Internacional de Teatro de Animação em Florianópolis. Atualmente é professor do quadro do magistério da Prefeitura Municipal de Florianópolis, lecionando a disciplina de Artes/Teatro no Ensino Fundamental.

Com tantas opções de entretenimento e distração que temos disponíveis facilmente, tornou-se um desafio maior, o ensino e o despertar de interesse em experimentar o Teatro de Formas Animadas. Este por sua vez, fica em segundo plano, pois muitas pessoas se tornam adultas sem nunca conhecer essa linguagem, às vezes até viram uma apresentação de alguma forma animada na televisão, mas não muito, além disso, e o contato passa despercebido, pois não há uma conscientização da expressão artística ali presente. Vemos a seguir uma crítica a essa carência cultural do Teatro de Bonecos, feita pelo professor Paulo Balardim e Liliane Perez Recio, que também cita as possíveis causas que enxergam para essa realidade:

Quer dizer, o jovem em formação parece carregar uma desnutrição cultural no que tange ao conhecimento da linguagem do teatro de bonecos - talvez produzida pelos excessos de consumo de televisão e navegação em redes sociais como provedores de sua educação, como inferimos da análise de Chabaud (2004, p. 93), quando afirma que a atenção das crianças foi cada vez mais tomada pela cultura do consumo fornecida pelas mídias. (BALARDIM; RECIO, 2019, p.21).

Faz sentido a observação feita na citação acima, é difícil competir com estímulos tão fortes aos quais as crianças são habituadas atualmente, provavelmente será muito mais atrativo para uma criança nascida nesta geração a ideia de assistir um filme, jogar videogame em seu tempo livre, do que construir um boneco ou criar uma história, atividades que demandam mais paciência, concentração, trabalho manual, imaginativo, isso também é um efeito cultural e habitual, alguns dos motivos porque acontece é a falta de incentivo, e costumes sociais:

Embora seja o indivíduo quem age, escolhe e define as propostas e ainda as elaboram as configura de um modo determinado, trata-se também, talvez antes de tudo, de uma questão cultural. Não só a ação do indivíduo é condicionada pelo meio social, como também as possíveis formas a serem criadas têm que vir ao encontro de conhecimentos existentes, de possíveis técnicas ou tecnologias, respondendo a necessidades sociais e aspirações culturais. (OSTROWER, 1997, p 40).

Algumas pesquisas que foram realizadas nos Estados Unidos, mostram que as gerações mais novas, passam mais tempo do dia em frente a telas do que dos seus pais ou professores (informação colhida no documentário (*Smartphones, computer and consoles- children and digital media* do canal *DW Documentary*), que também revelam o tanto que os desenhos infantis apelam para estímulos cerebrais muito instintivos, cores e sons que causam reações cerebrais excitantes, e que por vezes acabam viciando as crianças. São mostrados também exemplos reais de consequências nocivas no desenvolvimento das crianças que passam muito tempo em frente às telas, principalmente no caso daquelas que são expostas desde muito cedo, antes dos três anos de idade.

Esse consumo exagerado prejudica o desenvolvimento da cognição, da socialização, gera ansiedade e mais uma série de fatores, conseqüentemente pensamos que também prejudique a criatividade, já que a mesma está conectada com todos esses aspectos citados. Seria essa mais uma forma de “adestramento técnico”? Termo colocado por Fayga Ostrower. Reparemos o trecho, no qual Fayga utiliza-o:

É bem verdade que, no nível da tecnologia moderna e das complexidades de nossa sociedade, exige-se dos indivíduos uma especialização extraordinária. Esta, todavia, pouco tem de imaginativo. De um modo geral restringe-se, praticamente em todos os setores de trabalho, a processos de adestramento técnico, ignorando no indivíduo a sensibilidade e a inteligência espontânea do seu fazer. Isso, absolutamente, não corresponde ao ser criativo. (OSTROWER, 1997, p. 38).

Os novos acessos, e acessórios digitais que possuímos têm sem dúvida nos trazido um enorme conforto e praticidades em nossas vidas, muitas pessoas nem conseguem imaginar como teria sido esse período de pandemia sem a existência, auxílio dessas novas ferramentas, em muitos casos os trabalhos só tiveram a chance de avançar graças a estes recursos. Entretanto, é importante lembrar que por trás desses produtos e espaços virtuais existe um mercado e esse mercado dificilmente vai se importar com o ‘ser criativo’ em sua essência, pois talvez seres mais realizados criativamente não consumam tanto, talvez sejam mais críticos, e iria dessa forma ser uma ameaça a esse mercado, e a esse sistema que funciona em prol do mesmo.

1.3 Criatividade e Ciberespaço

Diferente da Criatividade, e do Teatro de Formas Animadas, que essencialmente nos acompanha desde os primórdios da humanidade, como visto nos capítulos anteriores, o Ciberespaço ao qual iremos tratar neste subcapítulo é algo que faz parte de uma realidade recente da humanidade se olharmos em uma perspectiva histórica. Antes de iniciarmos as reflexões a respeito de criatividade e ciberespaço vejamos uma das definições de Pierre Lévy, 1999.

[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (Lévy, 1999. p. 17)

O universo oceânico de informações ao qual Levy fala é infinito, e hoje temos esse universo literalmente na palma da mão, foram inúmeras transformações digitais, e culturais em muitas sociedades pelo mundo nas últimas décadas, mais do que nunca temos a sensação de que elas acontecem cada vez, de forma mais acelerada. Nesse ritmo de mudanças, exige-se cada

vez mais indivíduos criativos que saibam lidar e se adaptar aos novos desafios que surgem sem cessar, como podemos constatar na seguinte citação de Fleith e Alencar:

Em anos recentes, a criatividade tem sido apontada como habilidade de sobrevivência para as próximas décadas, em função da incerteza do futuro, das características do atual momento histórico, marcado por profundas, intensas e rápidas mudanças, das novas necessidades e dos problemas que surgem a cada momento, demandando soluções criativas. Com o ritmo acelerado das mudanças as informações têm se tornado obsoletas em um tempo muito curto, tornando impossível antecipar o tipo de conhecimento que será necessário nos anos vindouros e gerando uma maior necessidade de ampliar a capacidade de pensar e criar. (ALENCAR, FLEITH, 2003, p 08).

Essa demanda de soluções criativas ficou totalmente evidente durante a pandemia de covid-19. Foram muitos os problemas individuais e coletivos que a sociedade teve que lidar em um curto período. Questões psicológicas, financeiras, sociais, que afetaram de forma mais intensa que antes uma boa parcela da população mundial.

Notamos que a internet e o ciberespaço em muitos casos foram aliados na divulgação de informação, e no fortalecimento de grupos e comunidades. Diversos tipos de violência são denunciados na rede, violências domésticas, sociais, são mostradas muitas formas de injustiça, o que às vezes causa sentimento de angústia e impotência.

Mas o lado positivo é que sabendo e tendo consciência do que está acontecendo as pessoas têm mais chance de agir, encontrar possíveis soluções e em muitos casos se mobilizar com intuito de acabar com essas injustiças ou diminuir os danos. Como é o caso de alguns movimentos solidários de pessoas, e coletivos que conseguiram muitas doações de alimentos e outros tipos de suporte através dessa movimentação nas redes sociais. Colaborando assim com a população mais vulnerável que ficou ainda mais fragilizada nesse período e teve pouca ou nenhuma assistência do Estado. Nesse e em outros sentidos, Levy (1997, p. 92) tem razão ao afirmar que, “Uma das ideias, ou talvez devêssemos dizer, uma das pulsões mais fortes na origem do ciberespaço é a da interconexão. Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si”.

Essa noção sobre o ciberespaço e a interconexão, ficou bem aparente durante o período de isolamento e distanciamento social experienciados no momento pandêmico. Imagino que teria sido bem difícil manter conexão com tantas pessoas e saberes, e manter certo isolamento caso não tivéssemos disponível esses novos meios digitais de comunicação. Mas devemos lembrar que para muita gente foi esse o caso, pois não são todas as pessoas e comunidades que acessam o ciberespaço. Algumas dessas comunidades e pessoas não acessam por escolha, mas a maioria por dificuldade em acessar. No Brasil em 2018 quase 46 milhões de pessoas ainda

não possuíam acesso à internet, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Percebemos que embora essas ferramentas tenham nos trazido muitas facilidades, novas perspectivas, e horizontes, em certo ponto democratizado mais o conhecimento, os problemas não deixaram de existir, problemas humanitários de diversas esferas continuam a implorar por soluções. Novas questões filosóficas ressurgem, controlamos as máquinas ou elas nos controlam? Em 1997 o filósofo Pierre Levy já nos traz uma importante reflexão.

Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 1997, p 16).

A comunicação nunca esteve tão fluida, penso que esses fatores contribuem para autonomia dos indivíduos em buscar diferentes fontes, por exemplo, para adquirir informação, gerenciar seus próprios negócios, adquirir uma nova habilidade, como aprender uma língua, um instrumento e também compartilhar as habilidades que dispõe. Isso de certa forma facilita a democratização e a troca de conhecimento, o que é muito positivo.

Além disso, olhando um pouco para trás vemos que dependíamos praticamente só da mídia televisiva e impressa para nos informar, entreter e se 'conectar' com o mundo afora. Hoje com acesso a tanto conteúdo disponível no ciberespaço podemos ter maior noção do tanto que era limitado o conteúdo transmitido nos chamados canais abertos, em relação à muitos aspectos, essas novas redes de comunicação da atualidade têm contribuído para dar autonomia a muitas pessoas em diferentes camadas. Por exemplo, deu oportunidade de fala a muitos que antes não tinham possibilidade de se expressar, autonomia para trabalhar e impulsionar pequenas empresas, espaço para as pessoas divulgarem seus trabalhos. Tornou possível um intercâmbio de saberes e afetos que superam fronteiras e distâncias geográficas.

Embora a chamada mídia tradicional, os canais abertos, jornais e revistas impressos ainda possuam uma forte influência e sejam ainda muito populares tendo assim um grande alcance, eles não são mais a única fonte de informação como antes, e cada vez mais tem que se adaptar para não perder o público que agora muitas vezes possui uma vasta opção para não só se informar, mas até mesmo se aprofundar em algum conhecimento que desejar. Entretanto, também existem muitas questões que devem ser olhadas mais de perto, no que diz respeito à

acessibilidade, e ao uso saudável dessas ferramentas com questões éticas e humanas que devem ser levadas em consideração.

Outro ponto importante é a utilização desses espaços e ferramentas, no caso das pessoas que possuem acesso. Temos pouca ou às vezes zero orientação de como lidar com os espaços virtuais, as consequências de uma falta de consciência a respeito dessas redes e das relações na mesma podem ser graves. Já se tornou comum ver pessoas viciadas em atualizações, informações infinitas, muitas vezes falsas, as famosas e danosas *fake News*¹⁰. Literalmente estamos deixando o tempo escorrer pelas nossas mãos, quando perdemos a noção e não sabemos mais se somos nós a utilizar essas ferramentas ou são elas a nos utilizar.

Além disso, na zona de conforto que a modernidade nos traz, às vezes fica difícil encontrar espaço até para o ócio, ou atividades que demandem o trabalho artesanal. Plataformas de filmes e jogos online, basta um clique para desfrutar de entretenimento que não acaba mais, a parte nociva que poucas vezes paramos para refletir, é que esses entretenimentos "passivos" geralmente não estimulam aspectos importantes para um bom desenvolvimento, seja ele criativo cognitivo ou social.

Esses são alguns exemplos que demonstram a importância de pensar e conversar sobre essas relações, crianças, jovens, idosos. Ninguém está livre de ser influenciado tanto positivamente quanto negativamente, por isso devemos sempre examinar bem, quem são os influenciadores, as intenções, os conteúdos que são disponibilizados e consumidos. É importante que reflitamos sobre como utilizar essas ferramentas a nosso favor, a favor de uma sociedade melhor e não o contrário.

Também não podemos esquecer que existe um grande mercado, que obviamente tem interesses lucrativos. Já não é mais segredo coisas como a venda de dados, não temos ideia de como funciona de fato os chamados algoritmos, mas sabemos que uma de suas intenções é nos fazer consumir mais, sejam produto físico ou conteúdo, jogos, redes sociais ou notícias. Nunca foi tão "fácil" trabalhar, nunca foi tão "fácil" consumir, hoje é possível fazer ambos sem sair de casa. E para que exista a conexão virtual, necessitamos de mediações dessas empresas, o que de certo modo nos limita a certas condições e nos coloca em uma posição manipulável:

Não só as empresas que fabricam as máquinas ou prestam os serviços (são denominadas Microsoft, Apple, Cablevisión, DirecTV, Speedy, Youtube, etc.), mas também os banners publicitários. Enquanto Juan conversa com Maria, não só a subjetividade empresarial está no meio, mas também todas as estruturas publicitárias e mediadores que tornam essa conexão possível e que, claro, querem estar "presentes",

¹⁰ Fake News: Notícias e informações falsas que são compartilhadas dentro do ciberespaço.

à sua maneira, nessa relação. e determinar suas condições e possibilidades. (DUBATTI, J. 2015).¹¹ (tradução nossa)

Durante esse período de isolamento em que tivemos aulas e diversos encontros online, foi possível sentir certa angústia em relação a depender dessas mediações para comunicação, pesquisa, reuniões e etc, isso porque aconteceu em muitas ocasiões de por exemplo, a conexão de internet estar muita fraca, ou o aparelho celular que necessitou de reparos e causou um desgaste financeiro, o notebook que desligou porque estava muito quente, bem na hora de uma das entrevistas realizadas, enfim diferentes situações contemporâneas que provocam estresse. A preocupação antes era perder o ônibus, agora não perder a conexão, a bateria não acabar. Em outro trecho do artigo de Jorge Dubatti, podemos constatar esse inconveniente das mediações digitais:

Alguns elementos de oposição e diferença entre convivência e tecno-vivência são claros, especialmente aqueles que implicam mudanças na experiência: na tecno-vivência há imposições de cortes e hierarquização de informações, não há zona vital compartilhada, há desterritorialização e outras escalas para possibilidades humanas, existem limitações no diálogo, intermediação institucional de empresas, mercados e marcas, relação de consumo e pagamento de assinatura e taxas (com a consequente possibilidade de suspensão do serviço se não houver pagamento), dependência no fornecimento de energia e no funcionamento das máquinas de ligação (para sempre a possibilidade de catástrofe ou colapso, de as máquinas não funcionarem e a necessidade de recorrer a assistência técnica porque não sabemos repará-las nós próprios). (DUBATTI, J. 2015).¹² (tradução nossa)

Outra temática interessante discutida durante o distanciamento é a presença virtual, os encontros, o medo que alguns possuem de que os encontros presenciais sejam substituídos num futuro próximo, uma vez que os encontros virtuais são muitas vezes mais cômodos, práticos e econômicos. Economiza-se dinheiro e tempo que são itens essenciais e muito almejados na sociedade moderna. Mas e a experiência, será que é prejudicada?

¹¹ No solo las empresas que fabrican las máquinas o proveen los servicios (se llamen Microsoft, Apple, Cablevisión, DirecTV, Speedy, Youtube, etc.), sino también los banners publicitarios. Mientras Juan chatea con María, no solo la subjetividad empresarial está en el medio, sino también todas las estructuras publicitarias y los mediadores que hacen posible esa conexión y que, por supuesto, quieren estar “presentes”, a su manera, en esa relación, y determinar sus condiciones y posibilidades. (DUBATTI, 2015, p. 04).

¹² Quedan claros algunos elementos de oposición y diferencia entre convivio y tecnovivio, especialmente los que implican cambios en la experiencia: en el tecnovivio hay imposiciones en los recortes y la jerarquización de la información, no hay existencia de zona vital compartida, hay desterritorialización y otras escalas para las posibilidades humanas, hay limitaciones en el diálogo, intermediación institucional de empresas, mercado y marcas, relación de consumo y pago de suscripción y cuotas (con la consecuente posibilidad de la suspensión del servicio si no hay pago), dependencia del suministro de energía y del funcionamiento de las máquinas de conexión (siempre sobrevuela la posibilidad de la catástrofe o el colapso, de que las máquinas no funcionen y de la necesidad de recurrir al servicio técnico porque no sabemos repararlas nosotros mismos). (DUBATTI, 2015, p. 06).

Será que existe um risco de substituição, dos encontros reais por virtuais? Durante o distanciamento social, a população mundial dentre aqueles que têm acesso à internet, esteve mais do que nunca online, e inserida no ciberespaço. Por conta do isolamento social, muitos tiveram que trabalhar, se reunir, comemorar, enfim, todos os tipos de encontros online intensificaram durante esse período, os espetáculos teatrais não deixaram de acontecer, aconteceram online e possibilitaram acesso de pessoas do mundo inteiro.

Em uma sala pessoas de diversas nacionalidades presentes no mesmo momento, e com custo praticamente zero, pois a maioria desses eventos aconteceu gratuitamente, e o fato de ser online faz com que a necessidade de passagens, por exemplo, deixe de existir, isso tudo contribui de certa forma para um aumento da acessibilidade. E depois, acabou o contato real? As pessoas não vão mais querer ir ao teatro presencialmente quando for possível novamente? Segundo Levy em suas reflexões feitas há mais de duas décadas isso não irá acontecer.

(...) os museus virtuais provavelmente nunca farão concorrência aos museus reais, sendo antes suas extensões publicitárias. Representarão, contudo, a principal interface do público com as obras. Um pouco como o disco colocou mais pessoas em contato com Beethoven ou os Beatles do que os concertos. A falsa ideia de substituição do pretense "real" por um "virtual" ignorado e depreciado deu lugar a uma série de malentendidos. (LEVY, 1997, p 157).

Dubatti nos traz o termo “tecnovívio” que por si só já é muito expressivo e nos traz várias indagações. Atentemos na seguinte citação do artigo:

Conscientize-se de que entre a coexistência e a tecno-vivência não há substituição de superação, mas sim alteridade, tensão e cruzamento. E é importante entender, por meio dessa política, que perder a cultura do convívio é perder um dos tesouros mais incalculáveis da humanidade. Da mesma forma, acreditamos que na sociedade technoliving um equilíbrio de resistência é construído no convívio. Assim como se afirma que “quanto mais globalização, maior a localização”, da mesma forma podemos estabelecer que “quanto maior a extensão da experiência tecno-viva, maior a necessidade da experiência convival”. O teatro atende centralmente a essa última necessidade. Daí sua validade. (DUBATTI, 2015, p 07) (tradução nossa).¹³

Esse trecho confirma que quanto mais experiências no ciberespaço, mais necessidade de convívio real será sentida. É interessante que essa ideia aparentemente se confirma agora no período de isolamento em que intensificamos as experiências de “tecnovívio”, assim aconteceu

¹³ Tomar conciencia de que entre convivio y tecnovivio no hay sustitución superadora, sino alteridad, tensión y cruce. Y es importante hacer entender, a través de esta política, que ir perdiendo la cultura del convivio es perder uno de los tesoros más incalculables de la humanidad. Igualmente, creemos que en la sociedad tecnovivial se construye un equilibrio de resistencia en lo convival. Así como se afirma que “a mayor globalización, mayor localización”, de la misma manera podemos establecer que “a mayor extensión de la experiencia tecnovivial, mayor necesidad de experiencia convival”. El teatro atiende centralmente esta última necesidad. De allí su vigencia. (DUBATTI, 2015, p 07).

porque foi o jeito encontrado para termos pelo menos algum contato e de alguma forma seguirmos nossas atividades, mas é certo que os encontros presenciais voltarão a acontecer com toda potência assim que possível.

2. ARTISTAS DO TEATRO DE FORMAS ANIMADAS, CRIATIVIDADE E OS DESAFIOS TRAZIDOS PELA PANDEMIA DE COVID-19.

Adriana Cruz¹⁴ que é artista e educadora em seu artigo na edição nº 17 da revista Mamulengo traz uma bonita consideração:

(...) como venho traçando minhas concepções de vida como artista e quais vivências posso tentar estabelecer como parâmetros nessa condição? Olhar para o presente talvez seja muito mais complexo do que olhar para o futuro. Penso que seja necessário rastrear, em nossas habilidades poéticas, a capacidade de sair de um isolamento da alma, deixando-a voar além de nós, colocar o que temos de melhor na força do nosso trabalho e protegê-lo em um bote salva-vidas, para seguirmos em meio a essa tempestade, como posso denominar a pandemia (CRUZ, 2020, p.01).

A arte é sem dúvida um lugar de resistência e de respiro, em muitos sentidos. Durante o isolamento isso ficou mais explícito, acredito ser difícil encontrar alguém que não tenha usufruído de algum tipo de arte como forma de passar mais levemente por esse duro momento. Seja escutar uma música, assistir filmes, séries, aula de dança, circo, poesia, contação de histórias, acompanhar trabalhos artísticos por alguma rede social, e por aí vai. Mais uma vez a arte que ainda hoje é por vezes desvalorizada e colocada em último plano pelo sistema, se mostrou algo indispensável.

Neste capítulo iremos falar sobre os artistas e professores que trabalham com o Teatro de Formas Animadas e suas relações com a situação da pandemia de covid-19 e o isolamento social causado pela mesma.

Primeiro discorreremos sobre alguns eventos, oficinas e aulas na área de Teatro de Formas Animadas que ocorreram nesse período. Em seguida no segundo tópico analisaremos as duas entrevistas que fiz com dois artistas/educadores da área aos quais tenho enorme admiração, Maysa carvalho e Jaime Pinheiro, articulando com os temas que foram tratados durante a pesquisa.

Diversos grupos e artistas com eventos e espetáculos nacionais e internacionais agendados para 2020, tiveram que desmarcar ou adiar seus trabalhos artísticos. Diante desse contexto difícil eles tiveram que se adaptar às dificuldades encontradas. Muitos eventos que aconteceriam presencialmente acabaram acontecendo online, além das aulas de escolas,

¹⁴ Doutora em Artes, diretora teatral, atriz, bonequeira, integrante do Grupo In Bust Teatro com Bonecos . É professora de teatro da Universidade Federal do Pará.

universidades, e cursos no geral que também seguem acontecendo online, com algumas exceções de alguns Estados que estão voltando às aulas presenciais, principalmente no que diz respeito a escolas e universidades da rede privada.

Em relação ao Teatro de Formas Animadas, foi grande a efervescência de encontros, como seminários, apresentações de espetáculos de diversos lugares pelo mundo, oficinas, *lives*¹⁵ e cursos. Esses espaços foram fundamentais para a escuta e reflexões além de evidentemente o compartilhamento e a fruição da arte e da expressão que precisam ser mantidos e nutridos, principalmente em tempos tão difíceis.

Houve a participação em alguns cursos online na área, além da experiência com aulas da Universidade e a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2, matéria obrigatória do curso de Artes Cênicas que também ocorreu online, onde eu pude perceber melhor a perspectiva da professora/artista. Percebi de perto algumas das adversidades e desafios de dar aula no formato online, além das dificuldades de adaptação e acessibilidade dos estudantes que também pude observar.

2.1. Eventos, oficinas, e aulas online de Teatro de Formas Animadas e a criatividade durante a pandemia.

Alguns dos eventos que aconteceram em 2020 e contribuíram para o compartilhamento de conhecimento e experiências e que pude com muito prazer acompanhar foram: o ANIMANECO - Festival de Teatro de Animação de Joinville, organizado pela 'Essaé Produções', onde ocorreram diferentes espetáculos muito sensíveis, uma oportunidade de conhecer diversos grupos que ainda não havia visto antes, também o Seminário de Teatro de Animação de Joinville que foi organizado em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e a Essaé Produções, que contou com a Abertura de Malas de Mestres de Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, onde eles mostraram seus bonecos, falaram sobre suas trajetórias, histórias, contaram curiosidades sobre os cenários.

Também tiveram as apresentações das Videopesquisas, o lançamento da Revista Móin-Móin que é uma das maiores referências em Teatro de Formas Animadas e as emocionantes homenagens ao Mestre Zé Lopes, da Mestra Dadi, figuras importantes do teatro de bonecos que não estão mais entre nós, mas deixam um grande e bonito legado.

¹⁵ Lives: transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais.

Outro evento ao qual tive o prazer de acompanhar e foi muito enriquecedor foi o “2º Encontro Poéticas do Inanimado”, evento do grupo de pesquisa Poéticas Cênicas: Visuais e Performativas, esse ano produzido pelo grupo de teatro “*Nucelten puppets*” da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ligada ao projeto ‘Cena Animada’. Em 2020 aconteceu online, e teve como tema “O teatro de bonecos em tempo(s) de pandemia”. O evento contou com um banco de experiências com diversas entrevistas de artistas, professores, mestres do teatro de animação de todo o Brasil e também de países estrangeiros, essas entrevistas seguem expostas no site do evento, além de debates que trouxeram observações valiosas que pretendo tratar mais para frente. O evento também ofereceu três diferentes oficinas e expôs banners de diversos grupos e artistas.

Professor Gilson Motta fala a seguinte frase numa na mesa de debates do evento 2ª Poéticas do Inanimado que teve como tema Desafios ao ensino do teatro de animação: “Eu acho esse modo de conexão que a gente está traçando aqui também pode ser uma forma de encantar, acho que é possível a gente se tocar profundamente mesmo na distância”. Nesta afirmação ele retrata muito bem o movimento que existiu no teatro de animação neste período.

O encantamento, compartilhamento e troca intensa que superou os limites geográficos e gerou encontros infinitos e profundos que seguem acontecendo, e dentro desses encontros as descobertas, criações, inspirações, mais que tudo, alimento para a alma. O professor Gilson nessa mesma discussão também nos alerta em outro ponto importante que é a situação de muitos artistas, que ficaram sem trabalho e renda durante esse período, reconhece que está em uma situação confortável, mas sabe que para muitas pessoas a realidade é diferente.

Chamou-me muita atenção também o “Coletivo Paraíso Cênico”, composto pela família: Márcia Paraíso (mãe) e as irmãs Priscila e Sabrina Paraíso, de Niterói/ RJ. O Coletivo relata sobre os espetáculos de teatro de sombras e eventos que estavam agendados e foram cancelados por conta da pandemia, diante disso, elas que passam juntas o isolamento social, adaptaram alguns projetos e criaram outros, para o formato digital. São muito interessantes os relatos na conversa sobre experiências que tiveram, por exemplo, sobre a criação de espetáculos-lives, com o tema “Como fazer teatro de sombras em casa”, tudo pensado e adaptado para a câmera, e a criação de um e-book de teatro de sombras com o mesmo tema que fez muito sucesso. Muitos pedagogos se interessaram e muitas mães e pais aproveitaram a oportunidade para apresentar o teatro de sombras, que é arte milenar, e brincar com suas crianças.

O teatro de sombras, linguagem mais trabalhada pela família Paraíso, nos remonta a tempos antigos da humanidade, e até mesmo para alguns a nostalgia da infância no caso de quem nasceu antes da popularização da energia elétrica, ou quando às vezes até havia, mas costumava falhar, não tinha celular e as opções de distração não eram muitas. Em momentos como esse procurava-se uma vela, e com aquela luz da chama projetada na parede se iniciavam diversas histórias e formas confeccionadas por aqueles que ali estavam, esse é apenas um exemplo de tantos outros na história, onde Teatro de Formas Animadas serviu como espaço de compartilhamento de histórias experimentação poética, e conexão humana.

Acredito que iniciativas assim e a presença de conteúdos como esse nas plataformas são maneiras muito válidas de divulgação de expressões artísticas tão bonitas e contribuem para que cada vez mais pessoas conheçam e se encantem com o Teatro de Formas Animadas. Sem dúvida vivenciar e assistir essa forma de arte, colabora para o exercício da criatividade, que é aspecto crucial em todas as fases e aspectos das nossas vidas. Esses encontros do evento com diversas reflexões e partilhas acerca desse período e as entrevistas feitas com artistas da área de teatro de animação de várias regiões, continuam disponíveis na plataforma do youtube, no canal “Cena Animada”. Esses relatos são extremamente importantes, como registro, troca de aprendizado, afeto, desabafo, geração de novos estudos e observações.

Aconteceram ainda muitos outros eventos, como por exemplo, o Festival Internacional de Teatro de Sombras (FIS), organizado pela Cia Quase Cinema, de Taubaté, SP, ao qual também pude assistir a um espetáculo do grupo *of Snail* do Canadá, que utilizava recursos bem modernos de projeção e os utilizava para uma interação com uma brasileira, ao vivo, montando narrativas através das figuras e sons que eram ativados através de algum tipo de dispositivo que as atrizes controlavam. Assistir esse espetáculo me fez reverberar ainda mais sobre estas questões de como utilizar os recursos tecnológicos mais modernos de forma positiva e criativa. Esses são apenas alguns exemplos de alguns eventos aos quais pude acompanhar, a quantidade de aprendizados e compartilhamentos que tive foi gigante.

Muitos dos eventos que aconteceram principalmente no começo da pandemia foram de forma independente sem nenhum suporte do governo, foi literalmente a força de vontade e o trabalho conjunto dos artistas que tornou possível muitos desses encontros. É importante ressaltar também a luta de muitos artistas, grupos artísticos que contribuíram para que a Lei Aldir Blanc¹⁶ fosse aprovada e colocada em ação, mas apenas no final de 2020, início de 2021

¹⁶ A construção do texto final e que virou Lei coube à relatora dep. Jandira Feghali (PCdoB/RJ) que, junto dos movimentos sociais, entidades representativas e sociedade civil, debateu, ouviu e assimilou as diferentes demandas nos quatro cantos do Brasil. (<https://sigajandira.com/leialdirblanc/>). A Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc

foi possível perceber o efeito da aplicação da lei. Muitos projetos incríveis que conseguiram fomento, diferentes espetáculos de vários Estados acontecendo, infelizmente tiveram muitos que também não conseguiram o benefício e tiveram que encontrar outra saída, mas a aprovação dessa lei para a utilização desses recursos que já existiam e faziam parte do Fundo Nacional da Cultura foi fundamental para de alguma forma suprir um pouco a perda do movimento de trabalho existente antes da pandemia.

Ao mesmo tempo em que aconteciam esses eventos que comentei, experienciei a disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2, ministrada pela professora Fabiana Lazzari de Oliveira, que aconteceu de forma remota. Nesses eventos tive a oportunidade de entender e escutar diversas vivências diferentes que inclusive serviram de inspiração para pensar e colocar em prática exercícios do teatro de animação como proposta para a série no Ensino Médio que eu estava estagiando. Trabalhar com o teatro de animação de forma remota foi um desafio, mas o resultado foi muito positivo, mesmo que sutilmente foi possível ver o retorno dos estudantes.

Pude observar também de fato que poucos estudantes conheciam o teatro de animação conscientemente, alguns relataram a experiência de assistir apresentações no Sesc por exemplo, mas muitos trouxeram como única referência que tinham de forma animada, personagens populares da televisão, como o Louro José, e o Xaropinho. A potencialidade do Teatro de Formas Animadas para com o exercício da criatividade se comprovou mais uma vez durante essa experiência, percebi que os estudantes tiveram facilidade de, por exemplo, criar narrativas muito variadas a partir da observação, ou animação de um objeto.

Teria sido interessante também trabalhar com os estudantes a partir desses eventos online, a partir de algum espetáculo, por exemplo, porém mais uma vez esbarramos na questão da acessibilidade, pois muitos estudantes logo no início da volta às aulas de modo virtual, relataram ter dificuldade em acessar a internet, ou em alguns casos mesmo acessar um aparelho como celular ou notebook era complicado. No caso dos que realmente não conseguiram nem um acesso era entregue um material impresso adaptado, que o estudante ou os pais deveriam ir buscar na escola. Por isso, as aulas tinham uma certa limitação de tempo e recursos, para não exigir tanto gasto de dados. A interação poucas vezes aconteceu em tempo real, o que a meu ver também empobrece o aprendizado. Mesmo assim, eu tentei levar as referências dos eventos e vídeos da área do Teatro de Formas Animadas como um complemento da aula, deixando os

estabelece um conjunto de ações para garantir uma renda emergencial para trabalhadores da Cultura e manutenção dos espaços culturais brasileiros durante o período da pandemia do Covid-19.

links disponíveis caso tivessem curiosidade e possibilidade para assistir, dando sempre preferência a vídeos não muito longos.

Além de assistir e participar de algumas oficinas e eventos online, e da experiência do Estágio que acabo de relatar brevemente, também tive a felicidade de participar de alguns cursos: o curso ÂNIMA - Uma Introdução de Teatro de bonecos, a oficina Poética da Matéria e atualmente o Laboratório Cotidiano Desvisto. Os três fazem parte do espaço de pesquisa e criação, espaço esse foi criado pela educadora/artista Maysa Carvalho. Essas participações agregaram muito positivamente em meus dias, e continuam a agregar.

O "Laboratório Cotidiano Desvisto", segue acontecendo e desde o início tem sido um espaço de experimentação, reflexão, criação, afeto e acolhimento. O Laboratório trouxe a chance de um compartilhamento e de um espaço virtual de troca, que acabou sendo muito especial e abrindo muitos caminhos e descobertas, só o fato de estar com pessoas de diferentes estados, diferentes realidades, mas com vontades parecidas, interesses em comum em experimentar, criar se expressar e desabafar em um momento tão cheio de tensão e medo já foi um grande presente. Uma grande oportunidade de instalação no presente, de se esvaziar por alguns instantes de tanta ansiedade e tensão, dar atenção para o corpo, escutar o corpo, a casa, os objetos, escutar as pessoas e suas histórias tão preciosas, refletir sobre o espaço da casa, são tantas referências novas que conheci através desses encontros e do compartilhamento das pessoas que ali estão.

Essas foram algumas das experiências e percepções que tive em relação ao Teatro de Formas Animadas e o ciberespaço durante a pandemia.

2.2 Reflexões sobre as entrevistas que foram realizadas e os temas abordados nos capítulos anteriores.

Algo que aconteceu durante o período de distanciamento muito relevante, foi à descoberta do personagem Nhô Lau, criação do artista/professor/cenógrafo Jaime Pinheiro de Tatuí, SP. Foi tamanho meu encantamento por seu trabalho que o convidei para ser entrevistado. Aceitou o convite e tive a felicidade de escutá-lo durante algum tempo, escutar sobre sua relação com o personagem, os processos criativos, histórias doces e engraçadas e também sobre como ele está passando por esse período de pandemia. Jaime iniciou esse trabalho específico de postagens narrativas com o personagem que habita um corpo de boneco no início do isolamento social, nessas postagens Nhô Lau aparece em situações do seu cotidiano, que resgata muito da

cultura caipira como o próprio Jaime diz na entrevista, ele gosta de aprontar, contar causos e tem um apetite grande que também é explicado na entrevista que está em anexo nesta pesquisa.

Esse tópico será dedicado a trazer algumas reflexões em relação aos temas que já foram tratados, criatividade, Teatro de Formas Animadas, ciberespaço, a situação presente que estamos passando com base nas entrevistas que foram realizadas com Jaime Pinheiro e Maysa Carvalho em abril de 202. Ambos são artistas e educadores da área do teatro de animação e estiveram bastante presentes e ativos no ciberespaço durante o período de distanciamento social, consequentemente fazendo reverberar suas ideias e criações na vida de muitas pessoas que acompanham e admiram seus trabalhos. Essas entrevistas são resultado do Programa Institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC¹⁷) financiada pelo Fundo de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal, FAP-DF.

As entrevistas naturalmente se conectaram muito com os temas tratados na pesquisa, pois através dos relatos de Maysa e Jaime podemos perceber aspectos e etapas de diferentes processos criativos, podemos perceber também a relação que eles possuem com o ciberespaço e como ela se deu durante esse período, além de considerar como esses trabalhos refletem na vida das pessoas que o acessam.

Ter participado do curso “Ânima” (Uma introdução ao teatro de bonecos) que teve a duração de cinco semanas e do “Laboratório Cotidiano Desvisto” que segue acontecendo, e que inspirou e transformou os dias dos participantes fez-me ter curiosidade em saber de onde surgiu a ideia para criar esses espaços o processo de imaginar, até de fato concretizar essas vontades, e como Maysa, criadora deles tem sentido o retorno.

Outro ponto que achei interessante é a forma encontrada e utilizada por Maysa para tornar os seus cursos acessíveis para quem tem interesse, mas não tem condições financeiras atuais para participar que foi a ‘contribuição consciente’, onde é sugerido um valor mínimo e um valor máximo de contribuição. A cada participante que contribui com o valor máximo é gerada uma bolsa, além disso, cada curso já inicia com uma bolsa disponível à qual é realizada a seleção através do envio de uma carta de interesse. Neste tópico iremos aprofundar sobre alguns desses pontos que conversam diretamente com os aspectos tratados durante toda essa pesquisa.

¹⁷ PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Pesquisa realizada entre outubro de 2020 e junho de 2021, orientada pela Professora Doutora Fabiana Lazzari.

Maysa se dedica ao estudo de Teatro de Formas Animadas desde 2009, é graduada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB), mestra em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e é cofundadora do "Coletivo “Entrevazios”.

Desde o início do período de isolamento, no ano de 2020, Maysa vem oferecendo oficinas, cursos e laboratórios de pesquisa online, na área de Teatro de Formas Animadas. Os cursos fazem parte do espaço de criação, pesquisa e formação artística “Poética da Matéria” que foi idealizado e criado por Maysa.

A seguir, imagens da primeira edição do curso “ÂNIMA” que é um dos cursos realizados por esse espaço.



Figura 1 – Exercício do ‘serzinho’ realizado no curso “Ânima, uma introdução ao teatro de bonecos”.



Figura 2 – Exercício com cabo vassoura no curso “Ânima, uma introdução ao teatro de bonecos”.

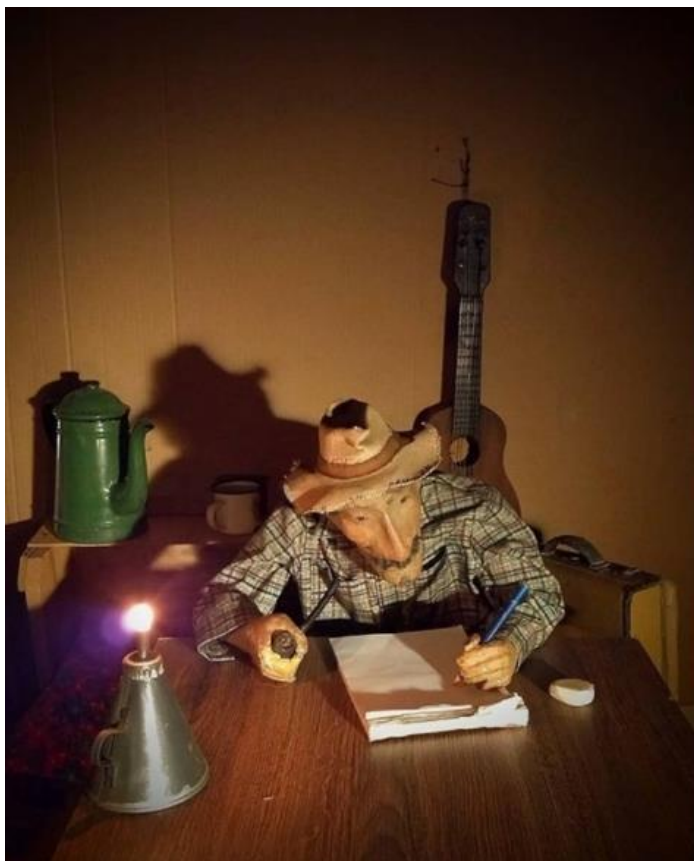
Já no caso do artista/professor/cenógrafo Jaime Pinheiro, o interesse de entrevistá-lo veio após começar a acompanhá-lo em uma rede social. A primeira vez que vi seu trabalho foi através de uma publicação feita por uma amiga e desde então venho me encantando com tamanha sensibilidade, e riqueza de detalhes presentes ali. Ao pensar em criatividade, teatro de animação e ciberespaço e começar a refletir sobre essas questões, então entrevistá-lo me pareceu um jeito interessante de potencializar essas reflexões e conhecer mais sobre o seu tão bonito trabalho.

Jaime possui uma admirável carreira como cenógrafo, atuou como professor de cenografia e teatro de animação, na Universidade de Sorocaba, já desenvolveu pesquisas na Área de Teatro de Animação, e participou de diversos projetos para teatros, shows, musicais, espetáculos de dança e muitos outros eventos. A primeira publicação que o vi foi com o personagem Nhô Lau.

Nhô Lau é um boneco que transmite muita vida, a ânima presente nesse personagem é simplesmente incrível, é possível perceber um minucioso trabalho de fotografia, e cenografia presente nas criações, a iluminação é sempre muito bonita e ‘ajuda a contar a história’.

Nhô Lau é um boneco que se envolve em diversas aventuras, tem uma conexão forte com a natureza, gosta de olhar as estrelas no céu, conta histórias, e ama aprontar e envolver Jaime nas suas peripécias. São utilizadas imagem fotográfica e texto como bases dessas narrativas, a voz e outros elementos ficam por conta da imaginação do espectador. O personagem vem conquistando um público fiel, que ama acompanhar o dia a dia, e as histórias em que ele se envolve, inclusive não é raro ver publicações de Nhô Lau com presentes enviados pelos seus admiradores.

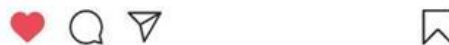
Podemos aqui conferir algumas fotos de algumas postagens:



jaimepinheiro58

jaimepinheiro58 Cartinha do Véinho:

"Caros amigos, muita coisa aconteceu, e tive ir cuidar de meu rancho e de alguns outros assuntos. Todos nós estamos passando por momentos estranhos, enfrentando situações difíceis, também cansados e assustados. Amigos perderam o trabalho, outros perderam a fé e a paciência, mas alguns perderam pessoas queridas. Então nem vou falar muito, só dizer que já fiz a mala, vou pegar uma carona no "Caminhão do Leite" e logo estarei de volta. As nossas prosas fizeram muita falta, mas vamos passar mais um tempo juntos!"



Curtido por joaofabbro e outras 177 pessoas

6 DE SETEMBRO DE 2020

Adicione um comentário... Publicar

Figura 3 – Personagem “Nhô Lau” escrevendo carta.



jaimepinheiro58

jaimepinheiro58 Previnindo conflitos...

... entendeu bem, meu camarada? Então repita mais uma vez: o pote da esquerda é seu, o da direita é meu... Muito obrigado pelo doce de abóbora, Marina, obrigado Caio, vamos nos deliciar depois da janta!!!

38 sem

fabioantunes123 Eita que vai ser a "Festa do Doce de Abóbora"! hahahahaha

38 sem 1 curtida Responder

Ver resposta (1)



Curtido por joaofabbro e outras 138 pessoas

25 DE SETEMBRO DE 2020

Adicione um comentário... Publicar

Figura 4 – Personagem “Nhô Lau” e Jaime discutem sobre quem ficará com o doce maior.



jaimepinheiro58

jaimepinheiro58 Nhô Lau tá desde cedo no portão esperando tomar a vacina...

Mas já expliquei:

- Não precisa levar seringa
- Não precisa levar merenda
- Não precisava pôr ceroula nova, é aplicada no braço
- Não precisa levar presente pro médico
- Só iremos quando chegar a vez

21 sem

adriano_cubas Maaii... isso é pressa pa tomá ou é medo? Óia

Curtido por osunfunke2020 e outras 198 pessoas

18 DE JANEIRO

Adicione um comentário... Publicar

Figura 5 – Personagem “Nhô Lau” de máscara e segurando seringa.



jaimepinheiro58

jaimepinheiro58 Seção Dicas do Nhô Lau

Como consumir manga:

- Arrumar manga espada e rosa (3 ou 4 sacolas)
- Forrar o chão com jornal
- Amarrar guardanapos no braço para não escorrer
- Cobrir roupa com toalha para não se lambuzar
- Tacar o dente e descascar
- Intercalar entre as espécies para apreciar melhor o sabor
- Nunca consumir mais que uma dúzia por vez, pois pode faltar.
- Não engolir o caroço
- Agradecer quem mandou: (obrigado Seu Augusto Benedetti e

Curtido por helomarina e outras 154 pessoas

27 DE DEZEMBRO DE 2020

Adicione um comentário... Publicar

Figura 6 – Personagem “Nhô Lau” comendo mangas.

É fascinante perceber detalhes dos processos criativos desses artistas e tamanha paixão e dedicação que eles têm pelo que fazem.

É curioso quando Maysa relata, por exemplo, que ela antes de iniciar o distanciamento social e toda a situação pandêmica, estava pouco ativa nas redes sociais. Neste momento este se tornou o maior ponto de comunicação e encontro e às vezes a única opção de se ter algum contato. Isso não foi diferente com a entrevistada. Fica evidente quando Maysa conta, após dizer que estava bastante inativa nas redes sociais antes da pandemia:

[...] Em abril eu sinto que fui voltando um pouco, porque era a forma da gente se relacionar, de saber das coisas, então, a rede social estava ali. Surgiram as quantidades de *lives*, a gente foi encontrando pequenos momentos de respiro, de contato, porque como é muito abrupto né? A gente costuma ir tomar uma cerveja e assistir amigos e amigas tocarem, apresentarem, então, assim isso foi muito abrupto... isso fazia parte da minha rotina. Eu sinto que fui migrando um pouco essa carência dos encontros, eu senti que comecei a me vincular mais com as redes sociais para saciar um pouco essas necessidades mesmo, de encontrar, de ver pessoas, de saber como as pessoas estavam, para além de um contato direto. (CARVALHO, entrevista, 2021)

Jaime também relata algo semelhante em uma de suas falas:

No meu caso, eu já tinha um certo uso, mas não dessa forma de um único contato como acabou sendo. Aí chega na casa conversa com um com outro, termina, vê um recado vê o que está acontecendo, mas não [...] você ficar em casa um dia inteiro, não que eu não faça nada o dia inteiro na internet, mas é uma janelinha para o universo [...] (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Os dois trechos comprovam certa utilização acentuada do ciberespaço durante o distanciamento social, o que é perfeitamente compreensivo e conversa com o que já havíamos observado anteriormente. Acredito que muitos daqueles que têm acesso a aparelhos como celular e notebook e a rede de internet acabaram por aumentar a presença no ciberespaço. Digo isso pois justamente esbarramos de novo nessa questão da acessibilidade também já mencionada anteriormente e foi colocada na entrevista, apenas constatamos mais uma vez uma triste realidade, essa questão aparece em alguns dos trechos da entrevista com Maysa, onde outra vez podemos notar a gravidade da situação e a importância de considerar o assunto, são eles:

[...] eu passei por questões de às vezes pessoas bolsistas não terem internet para sustentar a aula síncrona e a minha proposta não era dar aula assíncrona porque eu precisava... A minha proposta, minha metodologia era a partir do encontro, precisava do encontro, porque para mim, se eu desse aulas assíncronas no que eu estava propondo seria mais instrucional num lugar mais técnico e eu passava por uma perspectiva de sensibilização, de improviso, de técnica também. Do encontro, da gente se afetar pela relação com o outro, mesmo que seja nesse espaço virtual, pelas câmeras e tudo. Então não, não conseguiria, não daria para ser assíncrono, e aí passei por essas questões que... A única forma para resolver foi enviando as aulas gravadas, que não

era o meu interesse maior, mas para tentar minimizar um pouco a perda dessas pessoas que não conseguiam ter internet para manter, e óbvio também tinham pessoas que não possuíam nem o aparelho para acessar, ou até mesmo para saber que eu estava ofertando isso [...]. (CARVALHO, entrevista, 2021)

Quando pergunto sobre de onde surgiu a ideia de oferecer bolsas a partir da ‘contribuição consciente’ que é obviamente uma tentativa de aumentar a acessibilidade das pessoas, relata Maysa trazendo também uma forte reflexão:

Eu acredito muito, em outros modelos educacionais, sem ser esse modelo que a gente tem nas escolas, modelo tradicional. E as minhas irmãs, a minha família como um todo também, principalmente a gente enquanto irmãs. A minha sobrinha estuda numa escola Waldorf, quer dizer, estudava né. E aí eu fico pensando que é linda a proposta, esses outros modelos educacionais, mas eles estão restritos muito a quem pode pagar, e para mim não é revolucionário, sabe? É... não é, porque está restrito e só vai ser quando não estiver restrito, quando for acessível. Não que as pessoas tenham que escolher esse modelo, não é todo mundo que tem que escolher, mas que possa escolher. E aí uma vez eu não vou lembrar o nome do documentário, mas eu estava dando aula de estágio e estudando bastante sobre isso e aí eu vi um documentário que eu até queria ter passado pras turmas nesse período que enfim entrou a pandemia... no documentário tinha esse exemplo: tinha uma escola Waldorf lá na Bahia que ela era, era isso tinham as famílias que pagavam e as famílias que não pagavam, e quem pagava, pagava para que outra pessoa pudesse ter o ensino, e como era importante aquele encontro, entende? (CARVALHO, entrevista, 2021).

Podemos notar logo no início desse trecho uma certa insatisfação com o modelo de educação tradicional, assunto trazido anteriormente no capítulo a respeito da criatividade, e de outro lado uma preferência a um outro tipo de pedagogia. Maysa traz como exemplo a escola Waldorf que tem um estilo pedagógico diferenciado, segundo o site de uma escola que aplica a filosofia Waldorf:

Embasada na concepção de ser humano e mundo desenvolvida pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner¹⁸ (1861-1925), essa pedagogia tem como objetivo o cultivo das potencialidades individuais. Leva em consideração a diversidade cultural e se compromete com princípios éticos humanos amplos e gerais. (<https://ewrs.com.br/pedagogia-waldorf-2/>).

Na teoria todas as escolas têm ou deveriam ter esses objetivos citados, porém como já visto no primeiro capítulo, infelizmente o modelo mais popularmente aplicado nas escolas ao invés de desenvolver essas potencialidades individuais, ao contrário muitas vezes as massacram. Assistindo a um documentário, Maysa refletiu e assim surgiu a ideia das bolsas geradas através das contribuições conscientes. E ela afirma ter tido um retorno positivo além de ter inspirado colegas a também terem iniciativas como essa:

¹⁸ Fundou a Antroposofia, doutor em filosofia. Escreveu o livro “Filosofia da Liberdade” que discute temas como autodeterminação e livre-arbítrio.

(...) Foi muito bonito porque eu vi vários amigos e amigas fazendo o mesmo depois quando foram ofertar os seus cursos. E a contribuição consciente sempre é... aí já é muito mais recorrente, em outros cursos e tudo. Mas essa ideia de que quem contribuísse com esse investimento total geraria uma bolsa foi desse documentário que eu assisti e eu achei, que para mim, me tocou nesse sentido assim, achei que podia ser real [...] (CARVALHO, entrevista, 2021).

Pensar em atitudes como essa e colocá-las em prática é algo que sem dúvida colabora para uma maior democratização do conhecimento, lógico que seria bom se já não precisamos e todos pudessem acessar com menos limitações, mas a realidade não é essa, então alternativas e intenções como essa são sim muito bem vindas.

Sobre a experiência de dar aulas online, na área de teatro de animação e os encontros que se deram de forma virtual:

É nosso né? Somos seres sociais e o encontro é necessário. É, e o encontro com uma proposta artística ainda acho tem muita potência... é arte, isso é a arte, a arte se dá pelo encontro. Ontem eu estava escutando no bate-papo do grupo Sobrevento, que é muito diferente quando a gente escuta música e ótimo, mas quando a gente vai num show, existe o encontro né, com as artistas, os artistas com o público, é... é outra vibração, é o místico da arte, é quando ela se dá, é quando o encontro, a troca está ali, e a gente vive aquilo junto. E eu acho que por mais que a gente esteja nesse esquema virtual, e muitas discussões já se abriram em relação a isso, se a gente estava fazendo teatro, se não estava, se o encontro acontecia se não acontecia, para mim acontece, porque a gente tá disposta sabe, é óbvio é diferente. É diferente, mas é o que a gente tem agora, acho que a gente tem que problematizar sim, refletir, mas acho que a gente tem que curtir também sabe? Essa possibilidade, imagina se isso tudo tivesse acontecido antes da internet? (CARVALHO, entrevista, 2021).

É verdade que discussões como estas estiveram bem presentes, se de fato o que aconteceu, as apresentações, espetáculos, lives, foram mesmo teatro ou não, sobre a potencialidade dos encontros artísticos virtuais na área de teatro de animação. Surgiram algumas dessas questões, que também concordo serem necessárias, mas acredito também que foi fundamental esses encontros terem acontecido, essa foi a alternativa encontrada. Já que tivemos essa opção. Tantos encontros e espetáculos fantásticos, encantadores aconteceram fizeram uma grande significação para todos envolvidos, em vários sentidos.

Principalmente por estar em um momento tão frágil, onde muitos sofrem luto, e o medo de também perder alguém ou até mesmo a própria vida para muitos se tornou uma constante tensão, além de dificuldades financeiras que se agravaram etc. O Teatro de Formas Animadas, e acredito que a arte em geral foi vital, foi realmente um grande respiro, uma retomada de fôlego em alguns dias de grandes dificuldades e incertezas. E os encontros sim, aconteceram. Como também está na fala de Maysa, “é diferente, mas é o que a gente tem agora” (CARVALHO, entrevista, 2021), acredito que encontros presenciais, físicos são insubstituíveis, mas por hora

os encontros virtuais foram muito proveitosos, e acredito que isso irá reverberar positivamente nos encontros físicos quando eles forem possíveis de acontecer novamente com tranquilidade,

[...] então assim foi muito fluído e eu senti que foi essencial pra eu conseguir... lidar com tudo que tava acontecendo, ter um pouco mais de cuidado com meu corpo, com a minha mente, com as pessoas que estavam ao meu redor, porque eu tive necessidade desses encontros, e eu tive o retorno das pessoas que também foi muito importante a gente abrir essas brechas, brechas criativas na nossa semana, ou outras formas de nos relacionarmos com esse espaço que a gente estava vivendo e que ainda tá, por tanto tempo... a gente não costumava, a rotina anterior as pessoas não ficavam tanto tempo em casa. Então, eu fui enxergando tudo isso ao longo da proposta e fui buscando outras relações com o espaço, que se expandiu pra casa toda. Inicialmente era a relação do corpo com objeto eu não tinha tido esse “tino” de pensar no espaço, mas logo no primeiro encontro, alguém comentou alguma coisa, e eu já tinha uma proposta de trabalhar com os móveis, mas não com o espaço da casa como um todo, e aí isso foi abrindo, foi muito nessa troca que as conduções iam vindo. Ah... e foi maravilhoso, e começou daí, começou dessa oficina. Eu brinco que foi de uma necessidade mesmo, uma necessidade do meu imaginário, sabe? Do meu lugar de artista, dessa... de alimentar, de continuar experimentando, de mover o corpo, de propor, então foi uma necessidade mesmo, se eu não tivesse feito eu teria feito, sabe? (sorri) [...] (CARVALHO, entrevista, 2021).

Esse trecho demonstra um pouco das várias camadas de importância que tiveram esses encontros durante esse período, penso que nos afetou deixando as coisas um pouco mais leves, esse cuidado com corpo, com a mente, com as pessoas ao redor, observar as coisas ao redor, se escutar, escutar tudo, os objetos, a casa, foi a necessidade de se expressar, criar, inventar, experimentar sendo nutrida de forma individual e coletiva em um momento tão delicado.

Na entrevista de Jaime podemos ver que ele também fala um pouco sobre essa necessidade do encontro, e ao mesmo tempo sobre o despertar dessa relação mais íntima com o boneco Nhô Lau, esse trecho é muito interessante, nos atentemos:

A minha convivência é muito no trabalho, é o tempo inteiro trabalhando, conhecendo pessoas, e o convívio com amigos, e eu moro sozinho. Então de repente a hora que começou a pandemia, começou toda aquela dúvida do isolamento e já, um pouco apavorante a coisa, e no caso em uma semana eu já estava bastante abalado com tudo isso... Você ficar dentro de casa sem conversar com ninguém, sem saber o que tá acontecendo, e eu já estava assim bastante, vamos dizer afetado emocionalmente, como todo mundo, e aí no primeiro momento que eu achei o Nhô Lau que estava nessa outra casa que eu tenho. Eu tenho um estúdio, aí ele tava fora do lugar não sei como, eu acho que ele tava fora do lugar (sorri) porque estava em cima da mesa, e eu levei ele pra minha casa, e falei bom vamos lá brincar que faz tempo que eu não tiro ele do lugar... esse boneco já tem quase vinte anos, e eu usei ele só na formatura, no TCC quando eu falava da cultura caipira, eu escolhi o boneco porque representa, quer dizer tem o figurino adequado [...] (PINHEIRO, entrevista, 2021).

Aqui podemos perceber quando iniciou esse reencontro mágico digamos assim, de Jaime e Nhô Lau, o que posteriormente veio a se converter na criação das postagens que mostram o personagem em situações do cotidiano, mas de formas muito engraçadas e poéticas.

Por meio da foto e do texto é transmitida a personalidade e as situações de vida de Nhô Lau que muito espirituoso vem conquistando inúmeros apreciadores de seu jeito e de suas histórias. Já em outro trecho Jaime revela um pouco mais do contexto que foi o pilar de sua ideia:

[...] ele tem a aparência dos caboclos que é a mistura tradicional aqui da região, do índio com o português, que deu o que a gente chama de caboclo, os traços assim né... finos, pouca barba, pouco bigode, o olhar um pouquinho puxado, mas ele... ele é muito parecido com, com quase todos os familiares das pessoas... sempre tem um tio parecido com ele, então deu muito certo no momento do TCC, figurino também tá bem próximo do que é o tradicional aqui da região, então... Mas ele ficou parado, ele ficou sem uso. Bom, levei pra casa, e aí foi uma coisa mais irônica do que uma tentativa de fazer uma postagem artística, sabe? Eu o coloquei na mesa e falei que ele estava burlando o confinamento e eu estava com visita, mas foi assim mais uma questão de protesto... não é nem protesto... eu acho que é mais quase um pedido de socorro mesmo para ser bem honesto e sincero sabe, tipo... “ei pessoal eu to sozinho aqui, dá uma, dá uma força” (sorri), e aí nesse momento começou ter muitos comentários e... E valeu né, eu falei “nossa que legal, pelo menos eu consegui conversar um pouco”, bom, no outro dia eu achei que era uma forma legal de conseguir contato com os amigos, fiz outra foto. Como ele tem personalidade, como já tem uma história, não foi nem um esforço colocar ele em situações como se fosse o personagem que... pra mim é sempre muito claro na cabeça, um caipira né, ele é uma mistura de muitas referências, incluindo meu avô, incluindo conhecidos, é... ele tem uma ampla referência da personalidade, do caráter, talvez é até por isso que ele representa muitas pessoas, porque atinge. (PINHEIRO, entrevista, 2021).

É fascinante identificar o início e as diferentes etapas dos processos criativos, os elementos presentes como, por exemplo, a intuição do artista, os motivos intrínsecos para realizar o trabalho a sutileza e espontaneidade da ideia, “Eu coloquei ele na mesa e falei que ele estava burlando o confinamento e eu estava com visita” diz Jaime.

E é engraçado porque eu não tenho uma vaidade de autor, é lógico que como criador e artista, você tem uma vaidade de artista, mas não, eu não tenho vaidade em cima dele (sorri) sabe, ele me ajuda e ajuda os outros, então é como se fosse para mim um personagem sabe, que ele não é meu então é isso que eu acho legal. Até falei muito dele porque eu gosto muito dessas questões, eu gosto da cultura popular, eu adoro a cultura popular de qualquer lugar, eu adoro a cultura do povo. (PINHEIRO, entrevista, 2021).

A partir daí e por meio de seu trabalho e conhecimentos adquiridos durante sua caminhada começa a se aventurar nas postagens, foi benéfico a ele, e segundo Pinheiro foi benéfico ao público:

(...) porque o que eu estava recebendo de retorno, de comentários foi muito legal sabe, eu acho que por ele ter muita proximidade com as características desse povo, que são os mais antigos e os parentes, o pessoal olhou direto para ele como sendo um personagem, e aí não me preocupei nem em não mostrar o tamanho dele, eu não reformei o boneco, eu deixei do jeito que ele estava, porque eu não tinha preocupação “há eu quero que acreditem que é um ser” não... Eu não tive essa preocupação, mas foi o que aconteceu e eu achei muito... eu me surpreendi na verdade, talvez é... Eu estava mais preocupado em conversar com as pessoas do que ficar criando e me preocupando com outras coisas, ele só fluiu... Ele só fluiu e o retorno foi muito forte,

“há parece meu tio”, “parece meu padrinho” “parece meu pai”, “há eu também gostava muito de leite com farinha”, as coisas que eu colocava, eles falavam assim: “há comendo queijo, só faltou a marmelada”, e foi nessa coisa... Melancia, sempre coisas da terra, muito ligado com as histórias e eu fui me surpreendendo com o retorno, eu também não quis colocar ele de uma forma muito é..reportagem sabe, o que tava acontecendo no dia a dia e nem ligado diretamente assim com os fatos do dia, sabe não tinha intenção de colocar ele “há hoje morreu gente”, “hoje num morreu”, sabe, não era isso que eu queria, eu queria só conversar com as pessoas e o que eu senti delas foi isso, essa necessidade de fugir também dessa coisa que tava acontecendo desse universo real que tava dolorido e difícil, preocupante, tenso e também dar uma fuga assim pra um lugar da memória, porque eu achei incrível, as pessoas reagindo [...]. (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Nesse trecho podemos notar a relevância que tem a memória e a formação do imaginário dentro do processo criativo. Por meio de suas vivências, do convívio com diferentes pessoas, Pinheiro foi formando essa personalidade que é expressa em Nhô Lau. Ele não teve a preocupação de fazer algo realista, simplesmente deixou fluir e trouxe à tona memórias que como podemos também ver no trecho, são memórias de outros também, não apenas memórias pois como Jaime também afirma em outro trecho é algo que ainda está presente, faz parte da vida das pessoas, é algo real não são apenas lembranças.

[...] assim eu não considero a cultura memória antiga, não considero isso antigo eu considero atual porque tá vivo, os comentários tão vivos a lembrança tá viva o comportamento ainda existe de alguma forma ou de outra, então quando... Em certo momento eu pensei eu to falando de coisa antiga, num tô. Porque tá vivo na memória das pessoas e tá vivo na existência delas então isso é atemporal pra mim, né quando eu falo "ah vou comer mingau de milho verde", existe milho verde, existe quem faz milho verde, quantas vezes eu peguei o dia que eu fiz leite com farinha pra ele mesmo, menino “há agora deu vontade” tem que achar farinha, eu falei “no mercado tem farinha que o cara trás do sítio e se você procurar você acha leiteiro que entrega na cidade ainda” então existe tudo isso é um universo paralelo, mas ainda tem, o comportamento, as histórias, o folclore as histórias de assombração eu nem comecei explorar [...]. (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Em outra parte da entrevista peço para que Jaime, se possível, detalhe mais sobre seu processo criativo. O trecho aqui é um pouco mais longo, mas que tem muitos pontos interessantes. Ele descreve:

A ideia vem porque tá ali né?... É uma mistura de memória, um liquidificador ali dentro de repente acontece alguma coisa no dia-a-dia, aí eu imagino ele junto na situação e surge alguma coisa, às vezes são referências de memória mesmo às vezes são notícias do dia, ou situações do cotidiano que acontecem e eu jogo pra lá, exemplo só que não tem nenhuma dessa, de repente eu posso dar uma martelada no dedo e aí vem a ideia de falar que ele que derrubou alguma coisa no meu dedo, entende? daí eu penso como eu posso deixar isso... porque isso por si já é... Eu posso pegar por exemplo, dizer que a gente tá construindo um banquinho, eu pedi pra ele dar uma martelada e ele errou , eu falei.. Aí eu construí o texto em cima disso, “você falou que era marceneiro que aprendeu com o João Esperandio” que era um super de um marceneiro aqui muito conhecido, “você fala que aprendeu com Esperandio, mas ó o que cê fez”

aí eu vou embolar o meu dedo aqui (faz movimento), até ficar desse tamanho, aí também eu tenho que ir lá pra acertar a luz, acertar a posição dele, ver se ele vai tá com cara de dando risada, ou com cara de constrangido, as vezes eu faço duas fotos, três fotos, constrangido não fica legal, mas a foto que parece que ele tá dando risada fica mais interessante e eu já cheguei a fazer uma postagem com uma foto só, normalmente eu tiro duas por garantia, e teve outros que eu tive que fazer uma dezena de vezes, que eu não acertava a luz, tinha hora que ficava sombrio, tinha hora que a expressão não dava piada... no caso desse exemplo assim, que cara que eu vou tá? Vou tá com cara de muito bravo, ou vou tá com cara de dor? Vai combinar minha cara de dor, com a cara dando risada dele? Ou vai combinar ele constrangido e eu com cara de bravo? E às vezes eu trabalho com essas hipóteses para ver aonde que vai tá a ironia, ou o inusitado, ou a piada nisso tudo. E é... às vezes já fiz fotos assim, eu tava bravo não ficou legal, daí eu fiz com cara de tonto, aí ficou legal, a hora que ele me engana com o pedaço de queijo, ou a hora que eu pego o pedaço maior de melancia que cara que eu faço pra poder ficar engraçado. (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Percebemos aqui vários elementos do processo criativo, a etapa de experimentações de ter que fazer escolhas, são vários aspectos de trabalho presentes nessa elaboração. Testar hipóteses, trocar um detalhe aqui outro ali até alcançar um objetivo satisfatório. O fato de existir uma variação no tempo de criação de cada postagem é interessante também pois como está na fala de Jaime, às vezes na tiragem da primeira ou segunda foto ele já consegue um resultado que o agrada, e outras vezes é necessário dezenas de fotos até um alcance da intenção. Ainda sobre as etapas, Jaime detalha mais:

Eu poderia até dividir em quatro etapas isso, primeiro é o que eu quero colocar, meu sentimento, no caso é eu vou colocar alguma coisa divertida, alegre, teve momento que eu pensei em colocar minha situação, comecei a trabalhar em função, do sentimento de quem estava interagindo, então é o humor sempre foi legal, mas com um pouco de dramático nisso também. Então essa era a intenção do dia, aí a ideia a ideia podia ser qualquer coisa do dia a dia, do cotidiano, dessa convivência, que ele é uma visita que veio pra minha casa e quando uma visita casa ela causa né? (sorri) Vai causar alguma coisa, vai pegar seu sabonete, vai usar suas coisas, vai ficar no seu caminho é, tem uma hora que vai encher o saco, e por aí vai. Então aí vinha uma ideia e, é muito engraçado que ela surgia, eu só imaginava o que alguém estaria fazendo naquele momento por ali e surgia a ideia, aí entrava a parte técnica, é eu tenho uma, muita, muita, dou muita importância, tenho uma pesquisa sobre arte iluminação, então eu dei umas capengadas no começo, mas a iluminação é sem equipamento, eu achei a lâmpada que tinha uma luz mais quente, que dava uma luz legal no rosto dele, porque isso também ajudava a mudar a expressão dele. Que como eu disse ele tem a expressão fixa, mas aí essa luz ajudava, a cenografia vinha da ideia, a cenografia e os adereços, vinham pra completar a ideia da situação e aí entrava essa questão da expressão corporal dele que é o básico, às vezes nem precisava muito cenografia e figurino, mas expressão foi a pesquisa mais forte que aconteceu nesse tempo todo [...] (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Também achei muito interessante quando o artista demonstra o respeito que tem pelo personagem e a relação com suas características naturais, segundo ele relata:

[...] eu não desrespeito ele seria muito ofensivo, assim muito... Eu não consigo imaginar eu agredindo ele com um comportamento que não seja dele como eu disse ele tem uma gama muito grande de atitude aí, ele vai desde o sacaninha, do esperto

ele vai pra um emotivo chorão. Ele tem uma amplitude muito grande assim e tá nele sabe, ele tem hora que ele pode tá irritado, tem hora que ele pode tá azedo. Tem hora que ele pode até ficar bravo, ele pode até chutar pode até bater não sei, mas ele não pode deixar de ser ele e é muito claro... Sei lá acho que pela preferências assim pra mim é muito claro onde ele vai, não poluir ele com minhas necessidades de comunicação, ou meu dia azedo, ou meu dia politizado [...] (PINHEIRO, entrevista, 2021)

Bem, como podemos perceber as entrevistas se conectam muito com os aspectos tratados ao longo dessa pesquisa, para concluirmos este capítulo deixarei mais duas declarações dos entrevistados, a respeito de como eles imaginam que o trabalho deles tem reverberado na vida dos envolvidos. Para Jaime:

Enquanto eu estava fazendo eu não tinha uma dimensão assim eu não tinha uma noção real mais próxima disso, agora que depois de um ano ele começou a voltar que ele aparece como lembrança, e eu comecei a olhar como público também, eu fiquei muito emocionado, eu vi como público a coisa e realmente deu aquela vontade de ver mais, então é um pedacinho de um mundo legal, um pedacinho de mundo que a gente tem boas lembranças, então dentro da situação me vendo como público assim, eu acho que foi muito bom pra fazer voltar pras pessoas um pouquinho das lembranças pra trazer um pouquinho desse universo que como eu disse eu acho que é lembrança mas eu acho que é vivo, a lembrança é viva quando você revive dessa forma eu não vejo muita coisa aí que saudade nos comentários eu vejo como atual entende, então nesse sentido assim eu acho que foi muito, foi até meio terapêutico, de certa forma, pra muita gente é o que eles comentam, se você ler nos comentários você vai ver isso, é “aí que bom que ele tá aí”, de vez em quando ele dá chantagem emocional dele lá né “ ah eu não sei eu acho que vou embora” daí o povo vem e fala né pra ele “fica” né (sorri), é o Nhô Lau sendo Nhô Lau também né, então e nesse sentido eu acho que foi legal, foi legal pras pessoas né, trazer um pouco dessa, é falando assim da atualidade, é tanto sentimento ruim que tá sendo valorizado hoje aí são tantas ações ruins, atitudes ruins que são estimuladas que eu acho que você trazer essa memória pras coisas um pouco mais humanas mais emocionais lhe dá um fresco sim. (PINHEIRO, entrevista, 2021).

Para Maysa:

[...] a gente tem criado um vínculo muito forte... é isso, quando a gente não tem, eu sinto falta e eu... algumas pessoas já me falaram “nossa to com saudade de encontrar vocês, porque num teve... faltou um dos encontros, e como eu também tenho uma metodologia que parte muito do individual, de uma perspectiva individual e a gente cria um grupo com, com muita intimidade. A proposta não é só aprender um coisa, experimentar, produzir, finalizar. Eu tenho uma proposta profunda de si, primeiro reconhecer-se a si nesse desejo de criação, e eu acho que quando a gente tá nesse processo, a gente cria um vínculo muito forte, enquanto grupo, um nível de intimidade grande assim e eu acho que isso também fortalece e cria essa rede segura de troca. Tem uma moça que está no outro laboratório que ela fala muito que o encontro é tipo uma terapia (sorri) e eu já escutei isso de outras pessoas em outros momentos. E aí eu falo: não é terapia... pode ser terapêutico, mas eu enfim, eu não sou terapeuta não estou aqui conduzindo uma terapia, mas a prática artística. Quando a gente vai por esse lugar de necessidade de expressão mesmo, de vontade de falar, de vontade de botar pra fora, aí vai ter esse formato que é a proposta de ser pelas formas animadas, É muito potente, tem muita força, [...] (CARVALHO, entrevista, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos quão presente e necessário é o trabalho e o envolvimento dentro do processo criativo, que se desdobra em várias etapas. Processos criativos esses que se dão de jeitos diferentes, para cada pessoa, mas que é possível encontrar aspectos muitos semelhantes observando-os. Por exemplo, notamos que o entusiasmo e uma bagagem de conhecimento prévio sobre aquilo que se deseja desenvolver, e habilidades cognitivas, sociais, afetivas contribuem para uma melhor concretização das ideias, daí a importância de estimular nossas potencialidades que como vimos podem sim se fortalecer. Quando nós nos realizamos criativamente, isso afeta positivamente nossa alma, e acaba afetando também aqueles que estão perto de nós.

Exercitar o potencial criativo é uma tarefa contínua, durante os processos criativos, desde a ideia, o desejo, a vontade até uma concretização, são muitos aspectos trabalhados e desenvolvidos, muitas vezes é necessária a paciência, persistência, constância, é necessário também se libertar do medo do ridículo, da fantasia, arriscar, errar, tudo isso faz parte desses processos o que consequentemente faz com que o indivíduo se auto conheça, aumentando assim a sensibilidade, a confiança e se realizando em seu mais profundo íntimo. No primeiro capítulo vimos que é possível esse exercício, é importante abandonarmos essas crenças limitantes, relacionando criatividade somente a algumas profissões, ou a algumas pessoas. Todos nós podemos progredir nesse sentido criativo.

O Teatro de Formas Animadas com sua infinidade de possibilidades, de técnicas, de linguagem, de criação pode favorecer o desenvolvimento de muitos aspectos que estão diretamente conectados à criatividade, aspectos cognitivos, afetivos, memória, intuição e muitos outros.

Mergulhar nesses temas, criatividade, Teatro de Formas Animadas, ciberespaço, por meio de todo esse contato e essas experiências, algumas que foram relatadas aqui, e outras que não foram descritas, mas sem dúvida transformaram e seguem afetando muito do meu ser, dos meus dias, das minhas percepções, reflexões. É uma constante descoberta, um constante aprender e encantar.

Os encontros, discussões e experimentações coletivas, que foram também objeto de pesquisa, serviram para mostrar que não estamos sozinhos, e que nossas preocupações, desejos,

medos são muitas vezes os mesmos, tivemos assim a oportunidade de nos fortalecermos individualmente e em grupo, abrir nossos horizontes, enxergo um amadurecimento artístico, e pessoal, perder o medo da exposição, experimentar diferentes etapas de processos criativos e escutar sobre os de outrem.

Descobrir referências novas de artistas, de grupos, livros, autores, lugares, festivais, foi uma vivência muito intensa que dificilmente teria acontecido da mesma forma se não fosse no contexto dado, visto que por algumas razões como a anulação de fronteiras que a internet torna viável, e que traz uma facilidade em estar presente em diferentes eventos, fazer cursos sem o custo do transporte, e outros custos que geralmente são necessários em uma viagem, além de tempo disponível. Mas, assim que possível e seguro desejo visitar muitos lugares e festivais aos quais tive conhecimento através dos encontros que citei.

Acredito que assim como vimos durante a pesquisa o “Tecnovívio”, termo utilizado por Jorge Dubatti, não substitui o ‘convívio’, mesmo assim notamos que o ciberespaço pode ser utilizado de forma consciente e em prol do desenvolvimento da criatividade, de habilidades, para expandir as possibilidades de encontro e criação, podemos usufruir dos dois modos de relação, cada um com suas particularidades e limitações, mas dentro desses dois espaços precisamos ser conscientes, observar, ter olhar crítico, buscar fontes confiáveis de informação, e por aí vai. Estando atentos temos mais chance de lidar com as ferramentas virtuais de forma saudável e favorável a realização de nossas potencialidades humanas.

O compartilhamento e troca que movimentaram as redes de artistas do Teatro de Formas Animadas foram muito fortes e chegou a tantos lugares, pessoas que não conheciam o teatro de animação e assistiram, vivenciaram oficinas. Sem dúvida nenhuma esse gênero teatral tão especial continuou cativando o público de todos os cantos do mundo, e isso repercutirá nos festivais e encontros físicos, gente que conheceu online e ficou curioso pra ver presencialmente, assim que os encontros físicos voltarem será possível comprovar.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice. FLEITH Denise. **Criatividade: Múltiplas Perspectivas 3**. ed. Editora: local, 2003.
- AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Animação**. Da teoria à prática. Ateliê Editorial: São Caetano do Sul, 1997.
- BALARDIM, Paulo; RECIO, Liliane Perez. **O Teatro de Animação na sala de aula**. In: Moin-Moin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Ed. 21. UDESC: Florianópolis, SC, 2019.
- BELTRAME, Valmor Nini (org). **Teatro de Bonecos: Distintos Olhares sobre Teoria e Prática**. Florianópolis:UDESC, 2008
- CARVALHO, Maysa. **Teatro de Formas Animadas em Tempos de Pandemia**. [Entrevista concedida a] Beatriz Mota Pego, 2021 (não publicada).
- CRUZ, Adriana. **Quem me navega é o mar**. Revista Mamulengo. nº 17. ABTB, 2020.
- COLETIVO PARAISO CÊNICO. Jornada 2 – Banco de Experiências. Conversa com o Coletivo Paraíso Cênico - Afetos e criação teatral na pandemia. [entrevista concedida a] Tuany Fagundes. **Cena Animada**, Site, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NNlqoVAYQ8g&t=1531s>. Acesso em outubro 2020.
- DUBATTI, J. **Convivio y Tecnovivio: el teatro entre infancia y babelismo**. Revista Colombiana de las Artes Escénicas, 9, 44-54, 2015.
- ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER. A Pedagogia Waldorf. Institucional. Disponível em: <https://ewrs.com.br/pedagogia-waldorf-2/>. Acesso: abril 2021
- IBGE **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>.
- LÉVY, Pierre, **Cibercultura**. Ed. 34. Editora 34 Ltda, São Paulo, 1999.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PINHEIRO, Jaime. **Teatro de Formas Animadas em Tempos de Pandemia**. [Entrevista concedida a] Beatriz Mota Pego, 2021 (não publicada).
- SMARTPHONES, computer and consoles, children and digital media**. DW Documentary, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ywDwDaE0VV0>. Acesso em: abril 2021.
- SUMARIVA, Éder. Teatro de animação na escola procedimentos e reflexões. In: **Moin-Moin** – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. v.1, nº 20, p. 123 a 152. UDESC: Florianópolis SC, 2019.